

*Fellipe Eloy Teixeira Albuquerque  
Otávio Silva Rossetti Cardoso (Mc Roo7)*



# ***ROMÂNTICO, DEMASIADO ROMÂNTICO***

**CONVERSAS SOBRE OS RESQUÍCIOS DO  
ROMANTISMO NO COTIDIANO ESCOLAR**



Editora  
**MultiAtual**



*Fellipe Eloy Teixeira Albuquerque  
Otávio Silva Rossetti Cardoso (Mc Roo7)*



# ***ROMÂNTICO, DEMASIADO ROMÂNTICO***

**CONVERSAS SOBRE OS RESQUÍCIOS DO  
ROMANTISMO NO COTIDIANO ESCOLAR**



Editora  
**MultiAtual**

© 2021 – Editora MultiAtual

[www.editoramultiatual.com.br](http://www.editoramultiatual.com.br)

editoramultiatual@gmail.com

### **Organizadores**

Fellipe Eloy Teixeira Albuquerque

Otávio Silva Rossetti Cardoso

**Editor Chefe:** Jader Luís da Silveira

**Editoração:** Resiane Paula da Silveira

**Arte e Capa:** Fellipe Eloy Teixeira Albuquerque

**Créditos - Fotos da Capa e Miolo:** EMEF. Prof. Maria Aparecida Rodrigues Cintra (MARC)

**Revisão:** Respective autores dos artigos

### **Conselho Editorial**

Ma. Heloisa Alves Braga, Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, SEE-MG

Me. Ricardo Ferreira de Sousa, Universidade Federal do Tocantins, UFT

Me. Guilherme de Andrade Ruela, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF

Esp. Ricael Spirandeli Rocha, Instituto Federal Minas Gerais, IFMG

Ma. Luana Ferreira dos Santos, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Ana Paula Cota Moreira, Fundação Comunitária Educacional e Cultural de João Monlevade, FUNCEC

Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR

Ma. Jocilene dos Santos Pereira, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Esp. Alessandro Moura Costa, Ministério da Defesa - Exército Brasileiro

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Dra. Haiany Aparecida Ferreira, Universidade Federal de Lavras, UFLA

Me. Arthur Lima de Oliveira, Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do RJ, CECIERJ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A345r Albuquerque, Fellipe Eloy Teixeira  
Romântico, Demasiado Romântico: Conversas sobre os Resquícios do Romantismo no Cotidiano Escolar / Fellipe Eloy Teixeira Albuquerque; Otávio Silva Rossetti Cardoso.–Formiga (MG): Editora MultiAtual, 2021. 116 p.: il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-89976-11-0

DOI: 10.5281/zenodo.5706563

1. Resquícios. 2. Romantismo. 3. Demasiado Romântico. 4. Cotidiano Escolar. I. Cardoso, Otávio Silva Rossetti. II. Título.

CDD: 759.052

CDU: 37

*Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.*

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora MultiAtual

CNPJ: 35.335.163/0001-00

Telefone: +55 (37) 99855-6001

[www.editoramultiatual.com.br](http://www.editoramultiatual.com.br)

[editoramultiatual@gmail.com](mailto:editoramultiatual@gmail.com)

Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>



**ROMÂNTICO, DEMASIADO ROMÂNTICO: CONVERSAS SOBRE OS  
RESQUÍCIOS DO ROMANTISMO NO COTIDIANO ESCOLAR**

Para os estudantes da EMEF Prof. Maria Aparecida Rodrigues Cintra



*“Quando se fala da arte que se desenvolveu na Europa e, mais tarde, na América do Norte durante os séculos XIX e XX, com frequência se repetem os termos clássico e romântico. A cultura artística mostra-se de fato centrada na relação dialética, quando não de antítese, entre esses dois conceitos”*

Giulio Carlo Argan.

*“O Brasil não é os Estados Unidos e Brasília não é Chicago!”*

Luiz Depine de Castro

## **Agradecimentos**

Agradecemos aos professores e professoras da EMEF Professora Maria Aparecida Rodrigues Cintra, em especial, à professora Adriana de Carvalho Alves Braga, à professora Clara Fonseca Possebon e ao professor Franclyn Oliveira dos Santos pela atuação junto ao projeto de Trabalho Colaborativo de Autoria: *“Romântico, demasiado romântico: estudos acerca dos resquícios do Romantismo no cotidiano escolar”* de que essa publicação faz parte. A professora Tânia Ponce Amaral pela mediação para agendamentos e organização da mostra *“Us Mitus”* e do lançamento desse livro na Biblioteca Afonso Schmidt. A equipe gestora e funcionários da Casa da Cultura da Brasilândia e da Biblioteca Afonso Schmidt. Agradecemos a equipe gestora e a coordenação pedagógica da EMEF Professora Maria Aparecida Rodrigues Cintra, todos os demais funcionários, aos nossos estudantes e a todas as famílias e responsáveis por eles.

Muito obrigado a todos!



## Sumário

<b>Apresentação .....</b>	<b>06</b>
<b>Primeira parte: Romântico, demasiado romântico .....</b>	<b>13</b>
<b>1. Um infindável pré-modernismo que se transfigura em pós-modernismo ..</b>	<b>14</b>
<b>2. Do <i>pessimismo</i> ao TCA .....</b>	<b>16</b>
<b>3. Heranças do Romantismo na Arte Contemporânea: a representação     subjetiva e a arte conceitual na produção artística atual .....</b>	<b>31</b>
<b>4. Segunda Parte: Indagações poéticas de professor e estudante .....</b>	<b>47</b>
<b>5. Poéticas .....</b>	<b>48</b>
<b>Robozão .....</b>	<b>48</b>
<b>Sagaz .....</b>	<b>51</b>
<b>220 .....</b>	<b>53</b>
<b><i>Sem título</i> .....</b>	<b>55</b>
<b>O (EN)CANTO DA SEREIA .....</b>	<b>56</b>
<b>Do Museu das Monções ao Museu Paulista .....</b>	<b>60</b>
<b>GENTE DE QUEM, NÃO É GENTE DA GENTE .....</b>	<b>63</b>
<b>Eu sabia que você existia! .....</b>	<b>66</b>
<b>6. Aforismos em diálogo .....</b>	<b>68</b>
<b>Referências bibliográficas .....</b>	<b>79</b>
<b>ANEXOS</b>	

## **Apresentação**

De modo geral, pode-se dizer que a comunidade da EMEF Professora Maria Aparecida Rodrigues Cintra é romântica, assim como a civilização brasileira. Existem resquícios do Romantismo em quase tudo o que é feito, pensado e desejado lá e no Brasil. O Romantismo não foi só um período que influenciou muito a música e a literatura e pouco a arquitetura e a escultura, foi um período marcado pela efervescência filosófica.

A filosofia — já antes dessa época, mas ainda mais a partir dela — exerceu uma influência desproporcional sobre a arte, elaborando tratados, manifestos e dando pitacos sobre os modos de ver e se fazer arte, que reverberam até os dias de hoje. Textos como *“Sobre a relação entre as artes plásticas e a natureza”* (1808) de Friedrich Schelling e *“Fenomenologia do espírito”* (1807) de Georg Hegel conduziram o debate acerca da superioridade ou não da arte sobre as outras coisas que são feitas por humanos. Vale lembrar que a arte, segundo o estudo de Raymond Williams (2007; p. 60-62) sobre as palavras-chave da cultura e sociedade, trata-se apenas de um modo de fazer, definido arbitrariamente, por uma parcela da sociedade como superior aos demais modos de fazer.

O embate entre as filosofias da arte de Schelling e de Hegel arrastou seus discípulos e admiradores para um caminho sem volta. Schelling defendeu que é a partir da relação que o ser humano tem com a natureza, da relação subjetiva e metafísica diante o poder criativo da natureza que o artista deve captar e traduzir seu próprio poder criativo em obras de arte. É só diante da relação que o artista estabelece com o inteligível da natureza que se pode fazer arte legítima. Hegel, por sua vez, desqualifica o poder da natureza, classificando-a como incontrolável, imprevisível e inconsciente, portanto, inapta para induzir o poder criativo do ser humano, que vem unicamente da capacidade pensante e sensível do ser. Para Hegel, a arte como produto da mente humana é superior à natureza.

Resumindo, o Romantismo foi um período de tensão teórica envolvendo a natureza e o ser humano. Seus princípios ideológicos foram moldados graças a diversas contribuições filosóficas de pensadores, como Immanuel Kant, Friedrich Schlegel, Johann Joachim Winckelmann e Johann Gottlieb Fichte. Mas foi no embate das ideias de Schelling e Hegel que o Romantismo se consolidou. Não por acaso, esse último autor é constantemente revisitado por autores contemporâneos,



sobretudo por conta de seus argumentos sobre o fim da arte. Inclusive, segundo alguns desses autores — Arthur Danto, em especial —, a ideia de um fim da arte e de um renascer da arte é o fundamento da arte contemporânea.

O fazer, o refazer e o desfazer fazem mais sentido agora do que qualquer outra época, provavelmente, porque em nenhuma outra época foi possível ter tamanho acesso às obras de artes. Os artistas e curiosos as têm por perto a partir de uma viagem de 12 horas de avião ou podem acessá-las virtualmente via *smartphones*. Em contraposição aos exemplos de Diego Velásquez e Peter Paul Rubens que precisaram viajar longas distâncias — de forma tão lenta e fazendo uso de meios de transportes tão rústicos que se comparariam hoje a um carro de boi preso no engarrafamento da Marginal do Tietê — para ter acesso às obras dos grandes mestres venezianos, e ainda assim, por um determinado período. Apesar de tudo<sup>1</sup> inda hoje os intercâmbios culturais e acordos diplomáticos, permitem que visitemos obras dos grandes mestres venezianos, de Diego Velásquez e de Peter Paul Rubens em exposições itinerantes, como aquelas trazidas ao MASP- Museu de Arte Moderna de São Paulo Assis Chateaubriand ou ao CCBB- Centro Cultural Banco do Brasil, recentemente<sup>2</sup>.

É o próprio Arthur Danto que ressalta em seu célebre texto sobre arte contemporânea: “*Após o fim da história da arte*” (2006), esse caráter integrador do sistema das artes:

A arte contemporânea. Em contrapartida, nada tem contra a arte do passado, nenhum sentimento de que o passado seja algo de que é preciso se libertar e mesmo nenhum sentimento de que tudo seja completamente diferente, como em geral a arte da arte moderna. É parte do que define a arte contemporânea que a arte do passado esteja disponível para qualquer uso que os artistas queiram lhe dar. (DANTO, 2006, p.07)

É Danto também que promulga por meio de sua tese do “fim da história da arte” “*O descredenciamento filosófico da arte*” (2014) e, assim como Hans Belting, o fim de uma tradição nutrida por narrativas-mestras (DANTO, 2006, p. 05) que nutriu a história

---

<sup>1</sup> Apesar dos constantes ataques à cultura e a da crescente ‘falta de interesse’ pela arte contemporânea. Grifo nosso, em referência ao texto: Arte contemporânea e a falta de interesse (ALBUQUERQUE, 2017) e ao desleixo fomentado pelo atual Poder Executivo (Governo Federal), que dentre suas primeiras ações extinguiu o Ministério da Cultura.

<sup>2</sup> Destaque para a exposição: “*Caravaggio e seus seguidores*” montada no MASP entre os dias 02 ago. e 30 set. de 2021, e, a mostra “*Picasso e a Modernidade Espanhola*” montada de forma itinerante nas sedes do CCBB do Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília, em 2015.

da arte ocidental — pelo menos ao modo como a história da arte ocidental vinha sendo contada, desde o Renascimento. Sem as amarras da filosofia a arte se tornaria agora independente e livre para fazer o que quisesse.

Contudo, o que fazer com a arte, se existem outras amarras além das filosóficas?

O Brasil, ao contrário de todo o mundo — como sempre, na contramão — o Modernismo não foi uma Era dos Manifestos, como Danto classifica o período da arte moderna, mesmo que o Manifesto Pau-Brasil e o Manifesto Antropofágico de Oswald de Andrade sejam lembrados, são esporádicos. Nenhum outro manifesto teve efeito significativo e amplo como esses dois. Soma-se a isso o fato de que no Brasil, o Modernismo teve hora e data para acontecer: Semana de Arte Moderna de 1922 — na contramão da lógica modernista. Indiscutivelmente, a maior parte da arte modernista brasileira foi uma arte antropofágica.

Esses modernistas, embora, tenham causado furor e descontentamento aos “homens do oitocentos”, como Monteiro Lobato, não se desvencilharam completamente do imaginário romântico. É senso comum, que as figuras de mulheres negras<sup>3</sup> pintadas, incessantemente, por Di Cavalcanti, as representações dos ditos ‘mulatos’ por Cândido Portinari, são tentativas de resgatar e instituir uma identidade nacional que evidenciam características do Romantismo: criação de mitos/heróis/anti-heróis e fortalecimento dos Estados-Nação.

Cabe salientar, que dentre as figuras enaltecidas pelos modernistas paulistas está o Bandeirante e o Monçoeiro, esse último em especial na cidade de Porto Feliz/SP (onde cresci e fui criado). Duas figuras que geram controvérsias, principalmente por conta do modo como são representadas: com olhar altivo, cheios de orgulho, fortes, bem alimentados e vestidos adequadamente para entrar no mato. São figuras distorcidas e completamente disfuncionais para as funções que esses *jagunços* exerciam.

Nos livros *Monções e Capítulos de expansão paulista* (2014) de Sérgio Buarque de Holanda e *A Cidade e o Rio* (2009), organizado por Jonas Soares de Souza, é descrito que tanto bandeirantes, quanto, monçoeiros eram filhos de indígenas com colonizadores, que dominavam a língua, conheciam caminhos e estavam preparados

---

<sup>3</sup> Ressaltamos que por questões de posicionamento político não reconhecemos e não usamos os termos “mulato”, “mulata”, “caboclo”, “cabocla”, “índio”, “índia” para se referir a seres humanos de etnias ou cor de pele diferentes que ao ser humano caucasiano.

para o embate corpo a corpo. Atividades impossíveis de serem feitas por homens gordos e com indumentária pesada.

No artigo: “A presença indígena nas rotas bandeirantes e nas monções” (2015) de Marcos Lourenço Amorim há várias referências ao regime adotado pelos mesmos e de como a mobilidade entre as trilhas e caminhos exigiam flexibilidade no andar, assim, a imagem idealizada sempre foi descaracterizada e incompatível com a consideração a seguir:

Outro fato que mostra as amalgamações entre a cultura local e a ibérica no bandeirantismo e que parece revelar a prevalência da técnica e do costume nativo sobre o europeu foi o hábito de andar descalço adquirido por esses forasteiros que, em sua terra natal, tanto prestígio davam aos sapatos, chegando mesmo a identificar o seu uso com status de nobreza; na colônia e, principalmente, fora dos lugares povoados, os sapatos eram considerados supérfluos, ou antes, um estorvo. (AMORIM, 2015, p. 52-53)

Desde sua primeira edição — ou pelo menos desde que me lembro — a Semana das Monções<sup>4</sup>, tem se manifestado como instrumento para legitimação de um discurso, onde a figura do monçoeiro é romantizada (Maffei *apud* FREIRE, 2010). Em Porto Feliz, a “Terra da Monções”, aquele que desbravava o interior do Brasil e ao mesmo tempo estuprava e exterminava grupos étnicos inteiros não tem sequer suas ações questionadas. E assim parte da população local declara para si um ideal de herói.

O mesmo acontece com várias figuras históricas no Brasil, e se há alguém que precisa ser questionado, segundo a parcela conservadora/reacionária da população brasileira é o Zumbi dos Palmares<sup>5</sup>, não a estátua de Borba Gato. A estátua de Borba Gato, segundo essa parcela da população, é justificada por moderadores que acreditam que ou esses monumentos transferidos para museus devem ser e precisa ser mantida em pé, para nos lembrarmos de algo (UOL, 2021). Devemos lembrar de algo que contradiz os fatos.

Em suma, os conservadores/reacionários querem continuar a contar a mesma história, os moderadores querem recontar a história dos dominantes e com toda razão os descendentes de indígenas e povos cativos querem destruir a história dos dominantes, para que possam contar as suas. Me parece tão fácil de entender quando

---

<sup>4</sup> Festividade instituída na cidade de Porto Feliz/SP para celebrar a figura do Monçoeiro. Essa festividade só foi instituída graças a sugestão direta de Sérgio Buarque de Holanda, então passou-se quase 300 anos sem ninguém reverenciar a figura do monçoeiro.

<sup>5</sup> Referência direta à militância do vereador Fernando Holiday.

pensamos na Alemanha, ninguém ousaria manter em pé um monumento em homenagem a Adolf Hitler em nome de uma suposta história que precisa ser contada.

Por conta desses argumentos e de tantos outros casos de idealizações, simplificações, subjetividades, exageros e extravagâncias que a proposta “Romântico, demasiado romântico: estudos acerca dos resquícios do Romantismo no cotidiano escolar” foi pensada e desenvolvida junto aos estudantes, comunidade e equipe docente da EMEF Professora Maria Aparecida Rodrigues Cintra. A proposta que foi adotada para o TCA- Trabalho Coletivo Autoral<sup>6</sup> problematizou, a partir do diálogo entre o imaginário romântico e questões relacionadas com diferentes temas contemporâneos, tais como racismo, sexismo, o ideário do cidadão de bem, ecologia, mobilidade urbana, precarização do trabalho e outros. A criação de uma alegoria no formato de mural foi feita, rodas de conversas, pesquisas empíricas, de campo, textual e para fechar com chave de ouro estipulamos a publicação deste manuscrito como registro definitivo do processo.

No ano de 2021, durante a fase de retomada das atividades presenciais em escolas públicas, o professor Felliipe Eloy propôs e desenvolveu o projeto para as aulas de CJ- Complementação de Jornada<sup>7</sup>: “In[ter]venções urbanas na escola”, ministradas apenas quando era preciso substituir a falta de outros professores. Concomitantemente, os estudantes dos 9º Anos, turmas A e B, estavam estudando o período romântico, aprendendo sobre as características visuais e conceituais do período. Por iniciativa do estudante Lucas Pivato Martins e sobre influência de conversas paralelas com o professor Francilin Oliveira dos Santos, decidiu-se firmar uma parceria com os estudantes, aproximando um projeto de outro. O que resultou, inicialmente na criação de um mural de Graffiti, para a representação de uma alegoria: ‘Pindorama’ (2021) que remetesse e evidenciasse algumas das tradições românticas presentes no imaginário do povo brasileiro.

Os estudantes realizaram pesquisas por meio de debates em grupo sobre algumas dessas tradições e apresentaram no mês de dezembro de 2021, seminários

---

<sup>6</sup> Exigência para conclusão do Ciclo Autoral (7º, 8º e 9º Anos do Ensino Fundamental) na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Trata-se de um conjunto de pesquisas feitas por estudantes do Ciclo Autoral, “*cujos temas podem se referir a problemas sociais ou comunitários, notadamente, os observados nos respectivos territórios onde moram e/ou estudam.*” (SÃO PAULO, s/d)

<sup>7</sup> Refere-se ao caso de professores vinculados à Secretaria Municipal de Educação de São Paulo que não conseguem fechar turmas para a carga horária mínima de 30 horas semanais. Quando não conseguem com as turmas que lhe foram atribuídas atingir o limite mínimo, ficam à disposição para substituir ou dar apoio pedagógico.



e outras formas orais o resultado de suas pesquisas. Agora, com a publicação desse manuscrito pode-se acrescentar ao Trabalho Coletivo de Autoria um livro, feito em parceria por um professor e uma estudante. Materializando e difundindo os estudos, a partir da circulação de devaneios e os aforismos sobre o tema.

Essa publicação reúne textos científicos, poemas e entrevistas acerca da percepção de um professor: Fellipe Eloy Teixeira Albuquerque e um estudante: Otávio Silva Rossetti Cardoso (Mc Roo7), esse último não esteve diretamente envolvido no desenvolvimento da proposta supracitada, acerca dos resquícios do romantismo em nosso cotidiano, mas faz parte do Ciclo Autoral, que precisa desenvolver os TCA.

A escolha do título faz referência a obra de Friedrich Nietzsche: *“Humano, demasiado humano”* (1878), que marca o rompimento do autor com as ideias de Richard Wagner (idolatrado por Adolf Hitler) e de Arthur Schopenhauer, duas personalidades oriundas do Romantismo, cada qual a seu modo. As discussões levantadas com a pesquisa sugerem, que ao contrário de Nietzsche, nossa sociedade brasileira ainda não fez essa passagem, ainda não houve rompimento com tradições românticas, algumas positivas, mas a maioria não. O subtítulo busca contextualizar o estudo direcionando o seu enfoque, que é como isso foi percebido na escola.

O título também reflete a linha editorial da obra, que se inicia com um texto no formato de manifesto enfatizando o caráter não-moderno da sociedade, seguido por um outro que dialoga com os escritos de Arthur Schopenhauer, que consideramos, o menos romântico dentre os românticos e termina com um diálogo em pseudo-aforismos — *“Humano, demasiado humano”* (1878) foi um livro escrito a partir de aforismos, que igualmente a nossa proposta, crítica ou desconsidera a arte romântica. Esse primeiro texto busca introduzir o pensamento pessimista de Schopenhauer, que pode ser associado com o confinamento e as perdas resultantes da pandemia do COVID-19, assim como o contexto escolar.

Nessa primeira parte também está incluso um texto revisado/atualizado de minha autoria (Fellipe Eloy), publicado anteriormente no formato de artigo pela Revista Palíndromo, com o título: Heranças do Romantismo na Arte Contemporânea: a representação subjetiva e a arte conceitual na produção artística atual (ALBUQUERQUE, 2014). Essa inclusão visa reforçar o modo como a arte contemporânea e as artes brasileiras em geral estão repletas de resquícios e heranças do Romantismo, o que torna impossível desgrudar certas noções do imaginário e conseqüentemente da aula de Arte (prática docente).

A Segunda Parte reúne um texto curto, de caráter introdutório, seguido por quatro poemas de autoria do estudante Otávio (Mc Roo7), duas crônicas e dois poemas do professor Fellipe Eloy<sup>8</sup>. Logo em seguida, o livro apresenta um conjunto de *pseudo-aforismos* listados junto a uma entrevista no formato de bate e volta, com o título Aforismo em diálogo, onde é discutido e são feitas conexões entre os poemas do Otávio Silva Rossetti Cardoso (Mc Roo7) e o pensamento crítico sobre as heranças do romantismo para nossa sociedade/convívio escolar, apresentadas no segundo texto da obra: Heranças do Romantismo na Arte Contemporânea.

---

<sup>8</sup> Relacionados direta ou indiretamente com o tema do livro.

**PRIMEIRA PARTE**  
**ROMÂNTICO, DEMASIADO ROMÂNTICO**

## **UM INFINDÁVEL PRÉ-MODERNISMO QUE SE TRANSFIGURA EM PÓS-MODERNISMO**

### **Eternos românticos/pré-modernos**

Bruno Latour nos diz em seu celebrado texto: “Jamais fomos modernos” (2013), que apesar de estarmos num caldeirão de identidades características do período conhecido como pós-moderno, de fato, jamais adentramos em um período moderno, para que pudéssemos dizer com legitimidade que agora estamos em um pós. Se o que define o modernismo é a atualização, o salto para a inovação e a adoção de uma nova postura para o social, então continuamos a viver em um período pré-moderno: romântico.

A abolição da escravidão é ou era para ser entendida como uma solução moderna para a exploração do trabalho. A industrialização é ou era para ser entendida como uma solução eficaz para a geração de renda e de bens materiais. A invenção do museu por Napoleão Bonaparte e os iluministas é ou era para ser entendida como uma solução para o acesso à arte e aos bens culturais de uma ‘nação’. A arquitetura moderna é ou deveria acabar com a insalubridade das vilas operárias. A aceitação e garantia de direitos de votos conseguidos pelas sufragistas no início do século XX é ou era para ser entendida como uma solução para a representatividade feminina na política. A invenção da fotografia, do cinema, do futebol, das exposições itinerantes, turnês de artistas, das Bienais de Arte, das Olimpíadas, da Copa do Mundo, da nova diplomacia é ou era para ser entendida como umas soluções criativas para o acesso à arte e ao esporte, ao fomento do encontro com outro, do respeito. É ou eram para ser invenções modernas.

Mas se em pleno século XXI ainda existam coletivos de artistas negros que lutam contra o racismo institucional, grupos de artistas mulheres e/ou LGBTQ+ que precisam lutar para receber os mesmos salários que homens cisgêneros. Se existe racismo no futebol, se existe sexismos nas empresas, se existe subempregos, se existe indígenas sendo queimado vivo, se não existe mulheres, afrodescendentes, pessoas com deficiência, diversidade de gênero, religiosa e de raça nas Câmaras de Vereadores ou no Senado brasileiro. Então, jamais fomos modernos.

Ouso dizer, que é difícil convencer alguém cético que chegamos a ser pré-modernos.



É evidente que fomos modernos em alguma coisa. Mesmo que o modernismo pressuponha integração para ser ‘moderno’, em alguns pontos nos demos muito bem. Ninguém pode negar que o melhor fizemos no modernismo foram as armas de guerra, a bomba atômica, a ajuda humanitária, as gaiolas para as lixeiras<sup>9</sup>, as crises financeiras de 1939 e 2008, a fome generalizada, o crack e a cracolândia, a uberização do trabalho, a televisão, a indústria cultural, as roupas feitas de carne pela Lady Gaga, as redes sociais que fomentam os encontros antissociais, o nazismo, o fascismo, o apartheid, a Guerra da Síria, a falta de abastecimento de petróleo, a proibição das drogas, o combate ao tráfico de drogas, o telejornal pinga-sangue/sensacionalista, a sociedade do espetáculo, a sociedade da informação, o “show de horrores” em geral.

Um conjunto de constructos e acordos sociais que modernizaram, sem modernizar. Não houve ganho significativo para a humanidade em níveis sociais. A suposta modernização escancarou o hiato entre os grupos étnicos, econômicos e raciais que ela própria visava solucionar. A abolição da escravidão não acabou com o preconceito contra os povos que eram cativos, escravizados a força pelos povos dominantes. Aliás, sobre esse aspecto, ainda existe hoje, casos de trabalhos análogo a escravidão que não tem nada de análogo, são escravidão. A indústria polui. O agronegócio escolhe quais vidas poupar: cabeças de gado valem mais do que as de abelhas.

Produzimos estereótipos, reproduzimos estereótipos. Somos racistas, somos machistas, somos homofóbicos, votamos e elegemos o candidato racista, machista e homofóbico. Foi por isso que modernizamos? É para isso que o ser humano como espécie tida como superior herdou a Terra? Para sucumbir e se matar sozinha? Para deixar que as demais espécies morram e desapareçam? É para isso que construímos um mundo inteiro para nossos deleites?

Se é isso e por isso, então, Latour está correto: Jamais fomos modernos. Saltamos de um estado pré-moderno direto ao pós-moderno, sem nunca termos sido modernos. Então como ser pré ou pós alguma coisa, se essa alguma coisa nunca existiu?

Não sendo.

Ainda somos românticos, e infelizmente, demasiados românticos!

---

<sup>9</sup> Arquitetura da destruição adota por condomínios de São Paulo para inibir a coleta seletiva de moradores de rua.

## DO PESSIMISMO AO TCA

### **Pessimismo: pandemia e morte**

O período pós-Revolução Industrial e pós-Revolução Francesa trouxe à tona anseios e comportamentos não experimentados antes. Consequentemente, alavancou um conjunto de novas teorias e estudos filosóficos não convencionais, pelo menos não convencionais em comparação ao contexto de sua época. Foi nesse contexto que emergiu um movimento literário e artístico, conhecido como Romantismo.

O Romantismo é controverso, contribuiu de diferentes formas – positivas e negativos – para o nosso cotidiano, é o princípio do Modernismo. Dentre as contribuições mais relevantes estão: a compreensão de inteligibilidade da natureza, as contribuições concretas de Georg Hegel para a Declaração Universal dos Direitos Humanos, o humanismo e a ecologia. Do outro lado, no lado perverso e alienante do Romantismo, estão: a idealização de Estados Imaginários (como alguns evangélicos fazem em comparação com o Estado de Israel), a criação de mitos (como parte do eleitorado reacionário denominam o atual presidente da República), a estetização da vida cotidiana, entre outros exemplos, que abordaremos na Segunda Parte desse livro.

De modo geral, é a partir do período romântico que muitos comportamentos da sociedade capitalista se cristalizam. As acepções de individualidade e de convívio coletivo de hoje são devedoras à essa época, principalmente por conta de um amaranhado de contribuições filosóficas, que vão desde a retomada da metafísica até a preocupação sobre o mundo físico/mecânico.

Dentre o conjunto de autores românticos, Arthur Schopenhauer, provavelmente é o pensador que mais se arriscou a passar por ridículo, ser chamado de aventureiro e ser taxado como filósofo incompreendido. Ele não foi reconhecido no exato momento em que fazia suas descobertas e indagações, só depois de quase enlouquecer e se decepcionar que seus contemporâneos puderam perceber o valor de suas contribuições para o pensamento ocidental. E assim, desfrutou de um pouco de fama na velhice.

É sabido, que isso aconteceu principalmente por conta da atenção que as ideias de outros pensadores da época recebiam: Georg Hegel, por exemplo, considerado o rival intelectual de Schopenhauer, mais por culpa do próprio

Schopenhauer. Ele, marcava suas apresentações no mesmo horário que Hegel, tentando atrair parte do seu grande público/estudantes. Friedrich Schelling, que também era alvo das críticas de Schopenhauer, mas aos seus moldes também era considerado antagônico à Hegel, Schelling defendia ‘Belo Natural’ e o outro o ‘Belo Artístico’. Em compensação, a recepção atual de Schelling, faz lembrar como Schopenhauer era encarado em sua época. No Brasil, hoje, Schelling é o autor Romântico menos lido, enquanto o público de Schopenhauer se divide entre reacionários e progressistas<sup>10</sup>.

Esse Capítulo do livro está contaminado pelo *zeitgeist*, o espírito do momento, que é o da pandemia de Covid-19, do confinamento, da ansiedade, do anseio. O que poderia ser mais romântico que isso? Talvez seja por esse motivo que a urgência da leitura de alguns dos textos de Schopenhauer faz tanto sentido para nós ocidentais: o pessimismo e a distopia nunca foram tão latentes. Aquele pensador que falava sobre o medo da morte, sobre a desesperança e a força de vontade/entusiasmo, aquele pensador incompreendido em seu tempo, é para esse que essa sociedade incompreendida, precisa dar atenção — mesmo que momentaneamente.

### **Pessimismo schopenhaueriano: uma nota**

Se compararmos com os demais autores do/ou lidos do seu tempo, em especial com Hegel e Immanuel Kant, a escrita de Schopenhauer é relativamente leve, compreensível por não iniciados em filosofia acadêmica, ainda que afetada pela tradução<sup>11</sup>. Talvez seja por isso que ele foi renegado por seus contemporâneos, repleto de eruditos e intelectuais, que, mesmo dizendo serem ‘homens do povo’, não escreviam para o povo. Sua temática, contudo, ainda cutuca feridas que de acordo com o senso comum, não deveriam ser sequer tocadas.

A base do pensamento pessimista de Schopenhauer foi registrado em “*O mundo como vontade e representação*” (1818), dividido em quatro livros: dois dedicados para explicar a noção de vontade, conceito schopenhaueriano cunhado para designar a força incontrollável que rege a vida humana/cultura e outros dois para

---

<sup>10</sup> A obra de Schopenhauer é tão vasta que pode ser usada como referencial para estudos acerca da compreensão da mente humana (inspiração para Freud) e do mundo sensível e a propagação de ódio contra as mulheres ou como vencer um debate sem ter razão: estratégia empregado e difundido pelo guru bolsonarista Olavo de Carvalho.

<sup>11</sup> Em muitos casos a tradução do alemão para o Português (BR) torna a leitura ainda mais complicada. Sugiro a leitura dos originais em alemão ou a consulta da tradução para o Português (PT), que geralmente se aproxima da versão em francês e não diretamente do texto original em alemão.

explicar a representação, o modo como a natureza nos é mostrada e por nós entendida. Para os iniciados em filosofia ocidental é redundante ressaltar que o livro se resume em dizer que:

...em Schopenhauer, há irrealidade, no sentido de *Schein*, ilusão, de tudo o que me aparece, ou seja, o mundo real é considerado pelo autor como “minha representação”, isto é, uma visão pelo véu de *mâyã* do meu aparelho cognitivo: tratar-se-ia de um mundo que não possui a mesma consistência que o mundo fenomênico de Kant, para quem temos de atribuir realidade aos fenômenos que aparecem, pois ao contrário teríamos de supor uma aparência, *Erscheinung*, sem nada que aparecesse. Kant, pois refere com *Erscheinung*, em sua língua fenômeno, algo consistente; mas é justamente essa consistência que Schopenhauer nega, comparando o mundo que me aparece — mera representação submetida ao princípio da razão — ao sonho de uma sombra, ao mundo visto pelo véu de *mâyã*. (Jair Barboza *apud* SCHOPPENHAUER, 2015, p. X)

Assim, existe uma realidade dada que é incompreensível em sua totalidade, graças a nossa limitação em reconhecê-la em sua plenitude e ao mesmo tempo há uma realidade que nos é vivenciada apenas no limite do entendível. Ou seja, nem a razão kantiana está totalmente equivocada nem a inteligibilidade da natureza schellinguiana está totalmente descartada, existe um meio termo, que não foi percebido por nenhum deles. Um ‘meio termo’, que segundo o entendimento de Schopenhauer, estava sendo desconsiderado graças ao empenho de Hegel e seus seguidores em enaltecer a razão pura kantiana.

Se existe a coisa em si, a realidade e a nossa capacidade de compreender essa realidade: fenômenos’- então, vivemos nas representações. Schopenhauer diz que existe algo inconsciente que rege os fenômenos, esse algo ele chama de vontade. A vontade de viver, impulso, desejo.

Há uma metáfora usada para simplificar isso, a vontade seria como um cego robusto que carrega um aleijado que enxerga. A consciência é o aleijado. Quando nos propomos a fazer algo que a consciência não queira é porque a vontade está nos dominando. É como o salmão que morre ao subir o rio para salvar a espécie. O casamento é ruim para o casal, mas é um contrato bom para a sociedade (FILOSOFIA POP, 2018).

Para Schopenhauer a vontade é a essência da vida. Uma vontade que nunca é satisfeita de uma vida que nunca é feliz. A vida se resume a sofrimento e dor. Sentimos dor e anseio para aplacar nossa vontade, quando alcançamos nosso objetivo e conseguimos finalmente sentir felicidade, essa felicidade é como uma

esmola para o mendigo. A satisfação da vontade é sempre passageira. Logo sentimos o tédio e queremos uma nova esmola, conquistar um novo objetivo e quando alcançamos esse segundo objetivo, sentimos novamente tédio, é um ciclo vicioso nutrido pela vontade e a satisfação da vontade que vira tédio que se transmuta em uma nova vontade.

Segundo Schopenhauer existe dois meios para não morrer de tédio e romper com a vontade, fugir do ciclo vicioso: sufocar a vontade ou realizar a vontade. A realização da vontade só pode acontecer por meio do amor ou mais efetivamente por meio do fazer arte. Consequentemente: “Só a arte nos livra da dor” (MUZINATTI, s/d).

Vamos propositalmente relevar, por um instante, a discussão sobre como o amor e a arte pode nos livrar da dor, para falarmos da dor.

### **Onde estamos? O meio campo entre o pessimismo e o ‘apocalipse zumbi’**

As dores mais recentes que todo mundo sentiu estão associadas, direta ou indiretamente, à pandemia do Covid-19. Nada é mais atual e urgente que a discussão acerca do que essa crise nos tornou. A escola foi transfigurada — discussão que aprofundaremos no final desse Capítulo —, a *uberização* do trabalho<sup>12</sup> potencializada, o consumo de streaming aumentou, assim como o lucro dos bancos e acima de tudo as desigualdades entre ricos e pobres foi escancarada.

Para Bruno Latour (2021) — um filósofo contemporâneo que não se declara schopenhaueriano — o que pandemia fez de nós foi nos transformar em ‘bichos’. Mas não em qualquer bicho, mais especificamente em um cupim, ou melhor um devir-cupim:

Algo que é bastante conveniente para certos cupins que vivem em simbiose com cogumelos e são capazes de digerir madeira — os famosos *Termitomyces* — é que eles constroem grandes ninhos de terra mastigada dentro dos quais mantêm uma espécie de “ar condicionado”. Erigem algo como um Praga de argila, onde cada pedaço de comida passa pelo tubo digestivo de cada cupim em questão de dias. O cupim está confinado: trata-se, sem dúvida, de um modelo de confinamento, não há como negar; ele nunca sai! Exceto pelo fato de que é *ele* quem constrói o cupinzeiro, mascando torrão após torrão. Dessa maneira, ele pode ir *a qualquer lugar*, mas sob a condição de estender seu cupinzeiro pouco mais longe. O cupim se envelopa em seu cupinzeiro, enrola-se nele, que é, ao mesmo tempo, seu meio interior e sua maneira própria de ter um exterior; ele é seu corpo prolongado, por assim dizer. Os estudiosos diriam se tratar de um segundo

---

<sup>12</sup> Termo emprestado pela pesquisadora Liz Nátili Sória para desenvolver seu projeto de tese de doutorado: Corpo e cena no contrafluxo do trabalho (SÓRIA, 2021), pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da UNESP.

“exoesqueleto”, sobressalente ao primeiro, que compreende sua carapaça, seus segmentos e suas patas articuladas. (LATOURE, 2021, p. 14)

Desse modo, e em meio ao confinamento, mesmo quando um ser humano desejava sair de casa, o fazia como cupim, levando parte dela consigo. Para ir ao mercado, pedia-se pelo lfood™ ou Rappy™ a compra do mês ou do dia, o mesmo vale para a padaria, para a lanchonete, farmácia. Nas vezes que relutante o devir-cupim ousava ir até um estabelecimento, quando o fazia ia como se arrastasse junto ao seu exoesqueleto toda uma parafernália de sua casa: tubos de álcool em gel, máscaras. É — ainda — como continuar confinado, mesmo fora de casa.

Tudo isso é lógico, pensando naqueles que assim o puderam fazer. Como citado a pandemia veio para escancarar as desigualdades sociais. Para aqueles que só tinham o céu sobre a cabeça, continuaram sendo cupins sem cupinzeiro — embora essa metáfora seja falha, visto que a espécie citada por Latour nunca abandona seu cupinzeiro, como ele disse, o máximo que ele faz é levar consigo o cupinzeiro até onde a madeira está —, ainda mais vulneráveis, ainda mais sozinhos.

Esse uso exacerbado de metáforas se justifica porque Latour escreveu o livro *Onde estou?* (2021) ao estilo de conto filosófico, tecendo considerações para defender a tese de que além de nos transformar em devir-cupins, a pandemia nos introduziu em um processo de metamorfose. Que ele, artilhosamente associou com o clássico de Franz Kafka (1997), dizendo que: *“entendemos perfeitamente bem que não há mais um exterior infinito”* (LATOURE, 2021, p. 68), comparando nosso ‘confinamento em um lugar até bastante grande’ com a tentativa frustrada de Gregor Samsa em se reestabelecer no mundo depois de metamorfoseado em inseto.

Contudo, o que pandemia do Covid-19 fez dos seres humanos ou o que ela está os obrigando a metamorfosear-se, não é totalmente novo. De forma geral, o que ela fez de mais impactante foi expor o quanto o ser humano teme a morte, a sua e a de outros, em especial a dos outros que lhe são próximos.

A pandemia do Covid-19, além de fazer os humanos pensarem e encararem de forma desesperada a morte, trouxe à tona uma outra questão: a hierarquia dos rituais de sepultamentos. O modo como os mortos eram enterrados até então, independente da cultura sofreu um impacto significativo. Valas coletivas, produção em massa de valas, enterros sem velórios, despedidas rápidas e claro, sem aglomeração, ou seja, sem consolo.



Todas essas mudanças foram sentidas, mas de acordo com os livros combinados de Philippe Ariès: “História da morte no Ocidente” (2017) e “O homem diante da morte”<sup>18</sup> (2014), não necessariamente inéditas. Os livros sugerem que existiu tradições e costumes, ao menos desde a Idade Média, que padronizou o comportamento humano diante da iminência da morte. Dentre tantos exemplos citados nesses livros, o recorte mais interessante é a última parte do livro mais recente: “A morte invertida” (2017, p. 753-810) que compartilha o título parecido com o Capítulo XIII do livro mais antigo: “A morte invertida: a mudança das atitudes diante a morte” (2014, p. 210-250). Embora haja semelhanças nos textos para além dos títulos, algumas questões se destacam. A principal semelhança das partes é a adoção de um discurso interessado na relevância dos tratamentos de doenças e as novas tendências funerárias.

Ariès comenta em ambos os casos que o avanço da medicina contribuiu para que o medo da morte fosse amenizado, seja por meio de mentiras (2014, p. 757) ou pela privação da notícia da morte iminente (2017, p. 213) seguidas pelos funerais muito discretos (2014, p. 775) e da renúncia do luto (2017, p. 225). Todos esses estratégias são comportamentos com reflexões complexas que corroboram com a seguinte declaração:

A morte mudou de definição. Deixou de ser o instante em que se tornara desde aproximadamente o século XVII, mas sem a pontualidade que antes possuía. Nas mentalidades tradicionais a instantaneidade era atenuada pela certeza de uma continuação: não necessariamente a imortalidade dos cristãos (dos cristãos de outrora!), mas um prolongamento atenuado, ainda assim coisa. A partir do século XVII, a crenças mais disseminada na dualidade corpo e alma, e na sua separação pela morte, suprimiu a margem do tempo. O trespasse tornou-se instantâneo. A morte médica de hoje reconstituiu essa margem, mas ganhando tempo aquém e não além da morte (ARÈS, 2014, p. 789)

Assim além dos modos como os seres humanos enterram seus mortos, a pandemia da Covid-19, ressaltou ainda outro ponto: o modo como os seres humanos lidam com os seus entes doentes em particular e os moribundos em geral.

O uso do termo “moribundo”, que no Brasil, geralmente tem sentido pejorativo, é usado, por questões técnicas, por Ariès para se referir aos doentes já desenganados da vida ou abandonados à própria sorte. O termo moribundo também é empregado de forma relativamente mais incisiva por Norbert Elias — e está inclusive no título do

singelo livro: *A solidão dos moribundos seguido de “Envelhecer e morrer”*<sup>13</sup> (2001) — para criticar os modos de se excluir o doente do contexto social. Sobre o desconforto em usar termos, que quando não relacionados com o universo especializado: médico, podem soar ofensivos no contexto social, Norbert Elias ressalta:

Intimamente ligado em nossos dias, a à maior exclusão possível da morte e dos moribundos da vida social, e à ocultação dos moribundos dos outros, particularmente das crianças, há um desconforto peculiar sentido pelos vivos na presença de moribundos. Muitas vezes, não sabemos o que dizer. A gama de palavras disponíveis para o uso nessas ocasiões é relativamente exígua. O embaraço bloqueia as palavras. (ELIAS, 2001, p, 31)

Esse embaraço, somado a todos os empecilhos dos protocolos, especialmente a impossibilidade de visitar o ente querido em leito de morte e de velar seu corpo morto, embruteceu, enrijeceu e tornou para os seres humanos ainda mais pesado carregar suas carapaças, recém adquiridas pela metamorfose que os tornou devir-cupins. Para os jovens em formação, para aqueles que não são amantes, para os cupins sem cupinzeiro e para os não-artistas é evidente que esse peso foi ainda maior.

### **Medo da Morte: de Schopenhauer aos dias de hoje**

Como boa parte dos escritos de Schopenhauer, conseguimos acessar o escrito *“Sobre a morte: pensamentos e conclusões sobre as últimas coisas”* (SCHOPENHAUER, 2020) como fragmento extraído de sua principal obra: *“O mundo como vontade e representação”* (1818)<sup>14</sup> — supracitada. Nesse escrito específico, Schopenhauer comenta que o fato do ser humano conhecer seu estado de imortalidade afeta a relação cognoscente da humanidade com a vontade (SCHOPENHAUER, 2020, p. 46). A vontade quer viver, tanto nos animais, nos animais, em qualquer organismo e sobretudo nos seres humanos, mas os humanos sabendo da morte certa não apenas querem viver, mas tremem de medo de morrer, de deixar de viver.

O que, para Schopenhauer é uma tolice. O que os seres humanos chamam de viver, ele, define com uma etapa da existência. Os seres humanos, indivíduos, sempre existiram e sempre existiram, em outras etapas das existências, das quais a antes de nascerem e a depois de morrerem não conseguem entender a partir da capacidade

---

<sup>13</sup> Coincidência infeliz, visto que as principais vítimas do Covid-19 são as pessoas envelhecidas.

<sup>14</sup> Nos livros consultados por nós, esse fragmento aparece no Tomo 2- como título: Capítulo 42: Sobre a morte e sua relação com a indestrutibilidade de nosso ser em si. (SCHOPENHAUER, 2015, p. 555-608).

de representação (SCHOPENHAUER, 2020, p. 69). Por não entender essas etapas de existência é que a humanidade por meio das religiões propõe soluções para o pós-morte, mas para Schopenhauer, não faz sentido viver para sempre depois da morte, sem ter sido sempre antes de nascer. Se havia nada antes do nascimento, provavelmente haverá nada depois da morte.

Não haveria vontade, nem dor nem tédio. Por isso ele sugere que “se fosse dada aos seres humanos a opção de escolher, antes de nascer, de viver ou não, certamente optariam por não. Para os que já morreram, a mesma resposta seria dada se a pergunta fosse sobre eles quererem ou não voltar a vida” (FILOSOFIA POP, 2018). A existência percebida pela representação é dor, um pêndulo entre o sofrimento e o abatimento/tédio. Enquanto a vontade é indestrutível e somos movidos por essa vontade/desejo. Só não sofre quem nunca viveu ou quem já morreu, parece uma constatação óbvia, mas para Schopenhauer, não basta morrer para vencer a vontade, porque o querer morrer em si nada mais é senão um efeito da própria vontade.

Em Schopenhauer não existe um estar morto, mas um passar a morrer. Essa passagem, influenciada pela metafísica e as religiões hindus, não seria um estado permanente, mas uma forma de existência que nossa ‘representação’ não consegue entender. Trata-se de dois momentos — antes e depois — da existência, que estão fora do tempo da representação, está além de nossas capacidades e traduzir esse aspecto não conhecido em algo inteligível. O passar a morrer o que vem depois, assim como o ser gerado e passar a nascer/viver são fenômenos que nossa percepção não alcança. São esses fenômenos/estados que a vontade, como força geradora, busca evitar: fenômenos/estados de não-vontade, não vontade de viver, não-vontade de voltar a viver. Por isso o suicídio é inadmissível para, pois é uma forma consciente de se render a vontade de não ter vontade, ou seja, fugir da vida não resolve a vida, é apenas uma tentativa desesperada de alcançar uma outra vida, uma outra vida sem sofrimento, sem vontade.

Para Schopenhauer existe três formas mais criativas e adequadas para não precisarmos adentrar novamente ao ventre de nossas mães ou de se suicidar: 1- através do amor; 2- através da arte e 3- escolher o asceticismo: uma morte em vida, negar a vontade para não sofrer. Para o nosso contexto só uma dessas formas interessa, com ‘2- através da arte’ vencemos a vontade? Mas por questão de ordem intelectual, é imprescindível que seja discutido, mesmo que de forma superficial as

demais opções, afinal, o mundo como nossa representação, está cheio de amantes e continua sem entender os ascéticos.

Para os ocidentais, desconfiados, o ascetismo se aproxima e se confunde ao fundamentalismo religioso. A definição mais conhecida é que se trata de um autocontrole em busca de uma suposta ‘perfeição espiritual e moral’. Remete a um tipo de fanatismo religioso que cada vez mais passa a ser malvisto e associado à práticas de intolerância religiosa. Mas por definição, não é disso que o conceito se trata em Schopenhauer. Para Schopenhauer, os ascetas são aqueles que deixam de abrir mão da vontade.

Os amantes, aqueles que amam, são movidos pela necessidade de procriar. O amor é um impulso da espécie humana em favor da espécie. Schopenhauer diz que “a procriação é o contrapeso e o antagonismo da morte, é a vitória da vontade, ou seja, da essência em si e de sua forma atemporal sobre o fenômeno temporal e a matéria” (SCHOPENHAUER, 2020, p. 47). Amar para procriar é uma forma de aceitar a verdade e assim não sofrer por ela, mas com ela.

Arte, por sua vez em Schopenhauer, funciona como uma redenção, ela tem o poder de livrar o ser humanos da vontade, conseqüentemente ameniza ou aplaca totalmente a dor. Essa premissa, mesmo que inconsciente, foi o que possibilitou o retorno às aulas presenciais na EMEF Prof. Maria Aparecida Rodrigues Cintra, foi a partir das aulas de Artes que a tensão e a dor iminente foram amenizadas.

### **Superando, amenizando ou ocultando a dor em meio ao ensino remoto**

Como, de acordo a Schopenhauer, é possível superar a vontade por meio da arte, Como, não há capacidade de representação, e, tampouco publicações suficientes que nos possibilite entender tamanho sofrimento que afligiu de forma diferente os atores sociais da sociedade, esse escrito se concentrará, a partir daqui, no que lhe é familiar: a educação de jovens em formação — afinal para que mais servem os livros? — na escola pública. E por conveniência, a educação de jovens em formação a partir do Ensino de Arte.

O Ensino de Arte no Brasil, em particular, e o Ensino de modo geral sofreu uma grande reviravolta nos anos letivos de 2020 e 2021, por decorrência da quarentena decretada por causa da pandemia de COVID-19. As aulas passaram a ser remotas, e mais precárias. Contudo, independente do contexto e das novas legislações e marcos legais que foram implementados para minimizar os efeitos da pandemia na Educação,

as demais Leis e Decretos não perderam sua validade. Ainda foi preciso respeitar a Constituição (BRASIL, 1988), a LDB (BRASIL, 1996), O ECA (BRASIL, 1990), o Estatuto do Idoso (2003) e outros marcos legais durante a elaboração e aplicação das aulas remotas.

O Ensino de Arte, e toda modalidade de ensino formal, institucionalizado e subserviente ao Ministério da Educação tem um aparato legal e um conjunto expressivo de princípios éticos para seguir e respeitar. Um exemplo concreto de como isso acontece pode ser averiguado no Livro Didático (do PNLD), recurso que para muitas unidades escolares é o único bem cultural disponível para os estudantes e professores usarem como complemento às aulas. Os avaliadores do Livro Didático precisam se atentar se as editoras estão respeitando todos os Estatutos vigentes, como por exemplo o Estatuto do Idoso — se agora reforça algum estereótipo ou apresenta imagens que desrespeitam os idosos-, além de promover positivamente a imagem da mulher, dos africanos e afrodescendente, dos indígenas e povos do campo — cada qual em acordo com um conjunto de Diretrizes.

Assim, além do que é ofertado ao estudante e ao professor existe uma estrutura invisível, que faz mais sentido para o professor do que para o estudante. Muito do que é apresentado e estudado passa despercebido pelo estudante, nem todos conseguem associar a falta de imagens de pessoas negras em condições dignas no livro como um desrespeito à Lei. 10036/2003. Isso, porém, não significa que eles não conseguiram identificar um caso de racismo, muito pelo contrário, eles sabem, quando é explícito. O problema é quando é velado. E para esses casos é que a referida “estrutura invisível” se faz necessária.

Um outro ponto dessa estrutura invisível que orienta o processo de ensino-aprendizagem é o currículo, que no Brasil se consolida na aplicação e publicação da BNCC- Base Nacional Comum Curricular (2019) e no caso específico da cidade de São Paulo, no Currículo da Cidade (2019). Ambos os documentos têm princípios e objetivos comuns, mas cada qual com suas singularidades. A BNCC é mais ampla e visa servir como modelo para os demais órgãos públicos e privados da Educação (Secretarias, Subsecretarias, Diretorias e Mantenedoras da Educação Municipais e/ou Estaduais) desenvolverem seus currículos próprios, desde que respeitem o modelo. O Currículo da Cidade de São Paulo já é um currículo próprio, e visa dialogar com a diversidade cultural e social da maior cidade do hemisfério sul.

O discurso oficial diz que a BNCC e o Currículo da Cidade compartilham dos seguintes fatos: 1. Ambos os documentos foram construídos por muitas mãos; 2. Ambos tiveram sua versão final publicadas no ano de 2019, e sobretudo, 3. Ambos são currículos normativos — embora a BNCC só é currículo para as Secretarias, Subsecretarias, Diretorias e Mantenedoras da Educação Municipais e/ou Estaduais que não conseguem elaborar e implementar seus currículos próprios.

Os itens (1) e (2) materializa o texto da Constituição que previa construção de um currículo base comum, que como era de se esperar, fosse democrático e participativo. Desde a publicação da LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação, passando pelos PCN's e as demais Diretrizes de Educação, tudo caminhou para a publicação da BNCC. Foi um esforço conjunto da sociedade civil e dos órgãos públicos para efetivar um anseio que já tinha corpo anterior a redemocratização do Brasil (anterior à 1988). O item (3) assegura que esse processo não acabe. A noção de currículo pressupõe continuidade e atualização constante (ALBUQUERQUE, 2020, p. 145), portanto, recepção dos professores e estudantes, assim como revisão periódica e adaptação contextual. Não faz sentido propor aulas sobre ou com recursos de tecnologia digital numa região onde não existe sequer energia elétrica.

A proposta de ensino-aprendizagem baseada nos currículos deve e será dinâmica, dialógica e não estática, caso contrário não faz sentido que exista. Aliás, o contrário disso é meramente ensino doutrinador, comparando os currículos a manuais técnicos ou cartilhas. Por sorte, nem a BNCC e muito menos o Currículo da Cidade corroboram oficialmente com isso. Contudo, o item (2) deflagra uma grande preocupação acerca da recepção de estudantes e professores. O movimento de consolidação curricular mal começou a ser planejado e um novo vírus atingiu a humanidade, mudando severamente os rumos e as prioridades na área de Educação.

Para termos uma ideia sobre o efeito imediato para as aulas durante a pandemia do COVID-19, a reportagem *“O que sabemos depois de um ano de escolas fechadas”* (episódio do dia 02 mar. 2021) do podcast Folha na Sala constatou que estudantes se queixaram pelo excesso do uso do termo pandemia, a percepção é que todas as aulas eram feitas sobre o mesmo tema: conscientizar e alertar sobre a doença. Não que o assunto fosse irrelevante, mas porque é um exemplo de como o currículo é flexível. Hoje estamos atados à Legislação, aos marcos legais e aos princípios éticos vigentes, amanhã uma nova lei pode ser incorporada ao cenário atual, e o currículo precisa acatá-la.



Essas aulas a quais a reportagem se refere já estavam alinhadas com o novo modelo proposto: o ensino remoto. Assim, além de não ter condições de mobilizar o avanço dos currículos como ideia, os professores e estudantes também estavam defronte com uma nova modalidade de ensino em massa, nunca testada na prática. O ensino remoto foi implementado com urgência e sem projeto prévio.

Ainda segundo a reportagem, a forma prioritária do ensino remoto ocorreu por intermédio da Internet (aplicativos com uso de dados gratuitos para os estudantes), mesmo sem os poderes públicos disponibilizarem equipamentos e serviços de internet adequados. Outros recursos foram a entrega das atividades impressas e/ou de apostilas (no caso de São Paulo /SP, as Trilhas de Aprendizagem), e de forma mais tímida, a produção de conteúdo para televisão (como no Estado de São Paulo). Todas, são adaptações para atender as estudantes focadas tanto na saúde mental quanto no desenvolvimento intelectual. Os dados citados pelo podcast mostram, que nesse sentido, a saúde mental teve mais a ganhar do que o desenvolvimento intelectual propriamente dito (FOLHA NA SALA, 2021).

A Saúde, portanto, passou a ser central, um espaço ainda maior do que as Leis e os marcos legais vigentes prescreviam. Por exemplo, o confinamento contínuo trouxe consequências para a visão, que limitada pelo espaço reduzido dos cômodos das casas, não alcançava sua abertura adequada, atrofiando-se. Caberia a escola e o professor introduzir exercícios e ressaltar a importância de cuidar da visão em momento adverso como esse, para tanto, é preciso decorrer a publicações específicas do Ministério da Saúde, que em outros contextos, não seriam usados nas aulas.

Por bem, gradativamente as coisas forma mudando, e hoje as escolas estão com sua ocupação completa. Novas posturas regidas por protocolos, mas ainda antigos programas e cronogramas a seguir, em especial a priorização curricular (SÃO PAULO, 2021), que deveria ser adaptada em acordo ao contexto de cada Unidade Escolar. Para a comunidade da EMEF Prof. Maria Aparecida Rodrigues Cintra os principais esforços se concentraram no Ciclo Autoral (7º, 8º e 9º Ano) principalmente, por conta do TCA.

### **TCA<sup>15</sup> da EMEF Prof. Maria Aparecida Rodrigues Cintra**

A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo orienta que nas aulas ministradas aos estudantes do Ciclo Autoral (7º, 8º e 9º Anos do Ensino Fundamental II) sejam desenvolvidas atividades no formato de TCA- Trabalhos de Colaborativo Autoral. Trata-se de uma prática educativa desenvolvida *“à medida que os estudantes do 7º ao 9º ano elaboram Trabalhos Colaborativos de Autoria (TCA), cujos temas podem se referir a problemas sociais ou comunitários, notadamente, os observados nos respectivos territórios onde moram e/ou estudam”* (SÃO PAULO, s/d).

No ano de 2021, os esforços da comunidade da EMEF Professora Maria Aparecida Rodrigues Cintra, escola da região da Brasilândia (bairro periférico de São Paulo), se voltaram para o projeto *“Romântico, demasiado romântico: estudos sobre os resquícios do Romantismo no contexto escolar”*, pensado inicialmente pelo professor de Arte: Fellipe Eloy Teixeira Albuquerque (proponente) e depois abraçado pelas professoras Adriana de Carvalho Alves Braga (Professora de História) e Clara Fonseca Possebon (Professora de Educação Digital – POED) e pelo professor Franklin Oliveira dos Santos (Professor Módulo- Arte).

A orientação da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo diz que “o TCA permite o reconhecimento de diferenças e a participação, efetiva, na tomada de decisões e propostas visando à transformação social e à construção de um mundo melhor” (SÃO PAULO, s/d), pode ser centrado nas questões ambientais (Graffiti e pixação são enquadrados na Lei de Crimes Ambientais) e que deve ser pensado no plural: TCA’s, com ramificações se possível (rizomática), o projeto *“Romântico, demasiado romântico: estudos sobre os resquícios do Romantismo no contexto escolar”* se ramificou em várias metodologias.

A mais relevante para o contexto da Unidade Escolar foi a criação de um mural de Graffiti em uma das paredes do fundo de casas vizinhas que impediam a observação da paisagem local, agora, graças ao TCA os estudantes dos 9º Anos A e B criaram o mural: ‘Pindorama’ (2021, *in progress*), dialogando com a o modo de representação tradicionalmente romântico para criar uma alegoria acerca do Brasil (representações da flora, fauna e povos originários). O mural foi desenvolvido por meio da técnica do estêncil, aprendida anteriormente pelos estudantes nas aulas de Arte para criar retratos em homenagem aos seus familiares.

---

<sup>15</sup> Imagens dos procedimentos estão listadas em Anexos.

Paralelo ao desenvolvimento do mural foram desenvolvidas Rodas de Conversas, em que as duas turmas se reuniram (o cronograma da aula foi adaptado para que os professores envolvidos dessem aula para as turmas no mesmo horário, para assim poderem juntar as turmas para discussões) para discutir sobre temas transversais correlacionados com algum resquício do romantismo, como por exemplo, a idealização da família, a precarização do trabalho, a xenofobia etc. Outras duas metodologias foram aplicadas no projeto resultaram em produtos físicos para a comunidade: a montagem de uma exposição e a publicação desse livro.

Graças a técnica do estêncil, aplicada para a confecção das representações das imagens que compuseram o mural 'Pindorama' e dos retratos, um grupo selecionado de estudantes que apresentaram melhor desempenho no desenvolvimento da técnica, foram convidados para criarem um conjunto de outros retratos de pessoas de reconhecido valor cultural e intelectual que foram menosprezados ou esquecidos. Esse grupo de estudantes passaram a frequentar a escola em horário alternativo, cerca de duas horas antes do início oficial das aulas (12h00min-13h35min) para pesquisar, criar as matrizes, preparar e pintar as telas e selecionar um texto autoral.

Por meio da colaboração da professora Tania Ponce Amaral foi firmado um acordo com a equipe gestora da Biblioteca Afonso Schmidt e uma exposição foi montada temporariamente em um dos saguões da biblioteca. Por conta das discussões sobre como a produção de mitos (resquício do romantismo) em nosso cotidiano, como por exemplo, a ideia de que o presidente Bolsonaro é o mito que vai salvar a população dos petistas, a ideia de que o ex-presidente Lula é o mito que vai recuperar o Brasil da crise econômica e sanitária, a ideia de que o Neymar é o mito que vai ganhar a Copa do Mundo com a Seleção Brasileira de Futebol, etc... a exposição recebeu o título de *"Us Mitos"*, como forma de fomentar a discussão e consolidar a ideia do projeto acerca de que tipo de herói estamos adotando para nós e o que está por trás da escolha desse invés daquele, que de acordo com os propósitos do referido estudo nada mais senão uma herança do Romantismo.

Na mesma Biblioteca e no mesmo dia programado para a abertura da exposição foi organizado um evento para lançamento do livro: "Romântico, demasiado romântico: conversas sobre os resquícios do Romantismo no contexto escolar" de autoria do professor Fellipe Eloy Teixeira Albuquerque e estudante e rapper mirim Otávio Silva Rossetti Cardoso (Mc Roo7). O livro foi pensado e organizado em duas

partes: uma para teorizar a ideia de que vivemos sobre influência do Romantismo e outra para mostrar o diálogo entre os diferentes atores da escola diante tal contexto. Assim, a primeira parte foi destinada aos professores e pesquisadores interessados no tema e seus subtemas, tais como: a produção de mitos, fortalecimento dos Estados-Nação, fabricação de estereótipos, idealização das relações interpessoais e das pessoas, a reação do ser humano diante da doença e morte (relacionando o pensamento de Arthur Schopenhauer ao caso da pandemia do COVID-9, que influenciou o contexto das aulas do ano de 2021), a influência da filosofia romântica para as artes contemporâneas/gosto, entre outros.

Enquanto a segunda parte foi destinada a um grupo menos específico e mais diversificado. Juntou-se as letras das canções mais conhecidas do artista Otávio Silva Rossetti Cardoso (Mc Roo7) e algumas poesias de autoria do professor Fellipe Eloy (proponente). Tanto as letras das canções quanto as poesias tinham alguma relação com o tema e forma usadas como fio condutor para uma entrevista, em que o professor Eloy e o estudante Otávio dialogaram sobre os mesmos assuntos discutidos nas Rodas de Conversa. Um exemplar do livro foi presenteado para cada estudante e professor envolvido.

Somado a isso, cabe salientar que dentre os envolvidos na criação dos murais e retratos a estuante Juliana dos Santos Souza (estudante negra e residente na região periférica da Brasilândia) foi a que teve o melhor desempenho. Por conta disso, eu Fellipe Eloy Teixeira Albuquerque, como artista com participação em eventos nacionais e internacionais, tais como a Bienal Interacional de Cerveira-PT, não como professor apenas, a convidei a criar um mural em homenagem à beleza da mulher negra.

Como o intuito de ampliar a visão de mundo, de possibilidades e de levar o que é feito/aprendido na escola para além dos muros da escola, ela, Juliana dos Santos Souza, foi inclusa num conjunto de projetos submetidos ao “Concurso visando a seleção de projetos de arte em Graffiti para a realização do III Salão de Artes Visuais de Navegantes, para compor a programação dos equipamentos culturais de Navegantes, através da Fundação Cultural de Navegantes/SC” (NAVEGANTES, 2021), que aguarda se encontra em etapa de avaliação. A proposta é que ela desenvolva uma versão do mural na escola ou em lugar cedido pelos moradores e será acompanhada por uma professora ou responsável (mulher) para recriar o mesmo mural na cidade de Navegantes/SC, conforme as diretrizes do referido Concurso.

## HERANÇAS DO ROMANTISMO NA ARTE CONTEMPORÂNEA: A REPRESENTAÇÃO SUBJETIVA E A ARTE CONCEITUAL NA PRODUÇÃO ARTÍSTICA ATUAL

### Introdução.

Tendo como base de inspiração a exposição *“Romantismo: a arte do entusiasmo”*, que permaneceu em cartaz entre fevereiro de 2010 e outubro de 2013 no MASP - Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, esse artigo buscará identificar os resquícios do Movimento Romântico do século XVIII e início de XIX na produção artística dos artistas contemporâneos e suas obras, as mudanças comportamentais e a nova postura das instituições museais diante a representação subjetiva e conceitual na produção artística atual.

A mostra organizada pelo MASP trazia inúmeras obras de caráter romântico de artistas e períodos diversos, mas com pouquíssimas representantes da Arte Contemporânea, com base nessa ideia de liberdade artística espera-se discutir a hipótese de que resquícios da estética e gosto romântico se fazem também presente na concepção de Arte Contemporânea.

O Romantismo é um termo complexo, mas que segundo Benedito Nunes (2011, p. 51) pode seguir um método de reformulação onde o requisito prévio de abordagem distingue *“duas categorias implícitas no conceito Romantismo: a psicológica que diz respeito a um modo de sensibilidade, e a histórica, referente a um movimento literário e artístico datado”*. No desdobramento desse texto as duas concepções serão sustentadas, seja para marcar o período no qual determinado grupo de artista viveu e produziu suas obras, ou em qual estado de espírito tal obra ou propostas foram pensadas.

Assim, podemos encontrar o conceito “romantismo” numa referência mais geral e ampla que diz respeito a toda uma tendência da cultura moderna em direção ao individualismo e ao reconhecimento da subjetividade humana. Mas podemos também perceber nesse conceito uma visão mais crítica e historicista à crítica da arte, que busca entendê-lo com um estilo artístico expresso nas obras de arte de determinado período. (COSTA, 2009, p. 142)

O modo psicológico pode ser facilmente identificado se na produção artística o sentimento for o objeto de ação interior do sujeito artista/produtor, embora apenas no Romantismo esse modo de sentir tenha se concretizado no campo artístico e literário

(NUNES, 2011, p. 52), a esfera da individualidade já vinha se firmando desde o início da Renascença.

Ao reunir obras dos maiores gênios da pintura do final do século XV aos dias de hoje na mencionada exposição sobre o Romantismo no MASP, o curador da mostra e responsável pelo catálogo da exposição Teixeira Coelho propôs que tal modo de sentir deve ser encarado como independente de uma cronologia específica. Ainda segundo o mesmo, *“o Romantismo mudou a ideia de que há verdades eternas, sejam quais forem. E junto com elas, que existam instituições eternas, valores eternos, válidos para todos e em toda parte”* (COELHO, 2010, p. 07).

O Romantismo como um fenômeno histórico faz parte da narrativa de outros grandes historiadores da arte, em especial Giulio Carlo Argan. Em uma dentre suas mais importantes obras: *“Arte Moderna”* (1992) Argan destina o *“Capítulo I: Clássico e Romântico”* para entre outras coisas discutir a importância de tal movimento para a arte moderna e conseqüentemente para a arte contemporânea. O autor italiano destaca o fato de o Romantismo ter sido pensado primeiro com um projeto alemão:

Os grandes expoentes do Romantismo histórico são alguns pensadores alemães do início do século XIX: os dois Schlegel, Wackenroder, Tieck. Por trás do pensamento religioso deles encontra-se ainda o desejo de revalorizar a tradição cultural germânica, repleta de temas místicos, como alternativa ao universalismo classicista. Em suma, não se trata de uma concepção nova e orgânica do mundo que se segue a uma outra, decaída, mas de um aprofundamento do problema da relação entre os artistas e a sociedade do seu tempo. (ARGAN, 1992, p. 28)

A influência do gosto romântico pode ser considerada em alguns casos como um obstáculo para a compreensão e apreciação da Arte Contemporânea, juntamente com a ideia de mistificação do artista produtor e a elitização do acesso às informações que revelem o artista e a obra, mas o caso é que o Romantismo está presente, nem que seja apenas pelo fato dos artistas contemporâneos estarem cada vez mais preocupados em se relacionar com as questões da *“sociedade do seu tempo”*.

Uma característica importante desses nossos tempos é a acessibilidade à informação, consulta *“on-line”* aos bancos de imagens com as obras mais famosas do mundo e suas respectivas legendas tornando possível a aproximação reflexiva cultural para qualquer um que esteja interessado. Percebemos na arte contemporânea que os

próprios artistas buscam inspiração nas (con)tradições<sup>16</sup> românticas para criação de obras complexas, o que confirma a colocação de Arthur C. Danto (2006, p. 07): *“É parte do que define a arte contemporânea que arte do passado esteja disponível para qualquer uso que os artistas queiram lhe dar.”*

## **Romantismo e seu estilo subjetivo**

Segundo Girolamo de Michele (2010, p. 299) *“o Romantismo é um termo que não designa tanto um período histórico ou um movimento artístico preciso”*, mas um movimento que teve a formação do seu gosto de forma progressiva entre meados do século XVII e final do século XVIII *“através das mudanças semânticas dos termos romantic, romanesque, romântica.”* (MICHELE, 2010, p. 303).

Os filósofos alemães Immanuel Kant, Friedrich Schlegel e Georg Hegel foram os principais idealizadores do espírito romântico, porém o autor atribui a Jean-Jacques Rousseau o título de propulsor das inovações românticas ao inserir um mal-estar conceitual contra a Beleza classicista ao propor uma luta contra a degeneração humana causada pela racionalidade da época.

A retomada do termo *“não sei o quê”* por Rousseau em referência a uma Beleza que não pode ser exprimida com palavras e o sentimento correspondente ao espírito do espectador, foi o que ofereceu a Kant a oportunidade de sacramentar o ideal romântico com sua crítica ao Sublime. A Estética romântica teve seus aspectos particulares e o principal deles era a originalidade, unida com alguns outros termos antecessores e precursores: pitoresco, grotesco, lúgubre, melancolia, informe, turbido, uma beleza perturbante e vaga. (MICHELE, 2010, p. 298-327).

Em todo caso foi o pitoresco e o sublime as duas opções de estilo favoritas entre os pintores da época em questão, baseados em uma beleza subjetiva:

A poética iluminista do “pitoresco” vê o indivíduo integrado em seu ambiente natural, e a poética romântica do “sublime”, o indivíduo que paga com a angústia e o pavor da solidão a soberba do seu próprio isolamento; mas ambas as poéticas se completam, e na sua contradição dialética refletem o grande problema da época, a dificuldade da relação entre indivíduo e coletividade. (ARGAN, 1992, p. 20)

---

<sup>16</sup> De certa maneira a ideia de superar os princípios da Academia, ou a quebra da tradição, se tornou o princípio de muitos movimentos declarados de vanguarda, ou seja, a quebra de tradição se tornou mais uma tradição.

Indivíduo e coletividade, aliás, são dois pontos de discussão muitas vezes ressaltados pelos pensadores e teóricos românticos, da relação entre o universo particular e público referente a cada um desses termos surgiram pesquisas responsáveis por inúmeras formulações de conceitos e primícias sociológicas.

Mesmo a ideia de nação, que já existia e era amplamente usado desde o final do século XVII, mas só adquiriu seu sentido político moderno no mesmo período em que se desenvolveu o Romantismo. Seus principais derivados: nacionalista e nacionalismo, surgiram respectivamente no início do século XVIII e início do século XIX, com conotações negativas para o primeiro e positivas para o outro (WILLIAMS, 2007, p. 286).

A representação regional era traduzida pelos artistas românticos através de pinturas de paisagens, textos literários, músicas folclóricas, danças camponesas, sempre manifestações artísticas que enalteciam o lugar de origem do autor da obra, ou seja, a relação que este exercia com o meio ao qual estava inserido.

A Revolução Industrial europeia com suas interferências na vida da cidade foi outro atenuante para a ascensão do Movimento Romântico, como afirma Giulio C. Argan (1992):

Entre os motivos daquilo que podemos chamar de fim do ciclo clássico e início do romântico ou moderno (e mesmo contemporâneo, porque chega até nós) destaque-se a transformação das tecnologias e da organização da produção econômica, com todas as consequências que comporta na ordem social e política. Era inevitável que o nascimento da tecnologia industrial, colocando em crise o artesanato e suas técnicas refinadas e individuais, provocasse a transformação das estruturas e da finalidade da arte. (ARGAN, 1992, p. 14)

O período anterior, denominado de neoclassicismo ou pré-romântico se caracterizou por importantes fatos que modificaram a criação artística, um em especial é a emancipação da novela como gênero literário, exercendo grande influência no sentimental do público cada vez mais numeroso, outro é o costume criado pelos membros da burguesia em encomendar retratos, com isso surge uma clientela diversificada. O artista a partir disso não necessita mais manter um único estilo, já que o mercado da pintura se alimentava de todos os temas (LEGRAND, 2007, p. 11-20).

Um marco para o raciocínio romântico e moderno- por que não dizer contemporâneo - é a figura do herói, o ideal classicista que enaltece o “*salvador da pátria*” como representante da luta pelos interesses do povo passou a ser



gradualmente substituídos por outros agentes sociais, membros do próprio povo muito mais simples e menos nobres do que os generais e oficiais de estado.

O final da epopeia napoleônica trouxe profundas consequências para arte. À queda do herói segue-se uma sensação de vazio, o desânimo dos jovens destituídos de seus sonhos de glória (pense-se em Stendhal). O horizonte se estreita, mas intensifica-se o sentimento dramático da existência. (ARGAN, 1992, p. 28)

O reflexo desse ideal pode ser observado nas primeiras produções da comunicação para as massas. Há muitas evidências, uma em especial surgiu quando o personagem “*Vagabundo*” foi imortalizado por Charles Chaplin nas telas do cinema, o que ele fez não foi só uma sátira da condição desfavorável da vida na cidade, mas questionou o ideal de herói clássico, e consequentemente concordou com a poética romântica do sublime: “*o indivíduo que paga com a angústia e o pavor da solidão a soberba do seu próprio isolamento*” (ARGAN, 1992, p. 20).

Em outro contexto Ferreira Gullar em sua atividade como crítico de arte abordou em seções de revistas famosas depois reunidas em um livro recente, várias exposições de artistas contemporâneos brasileiros e uma característica em comum de muitos desses artistas era o interesse em “*captar a poesia simples, a solidão e a violência da vida marginal*” (GULLAR, 2012, p. 14). Com efeito, esta foi a consequência mais evidente da quebra da tradição: os artistas sentiram-se livres para passar para o papel suas visões particulares, como até então apenas os poetas haviam feito. (GOMBRICH, 2013, p. 371.)

As principais heranças românticas percebidas na produção artística contemporânea estão ligadas desde a evocação do espírito de liberdade, a originalidade das obras, a imaginação individual e a criatividade sem amarras ao mundo interior do artista, há até mesmo a ênfase nas emoções e na força terrível da natureza (WOLF, 2008, p. 12-13), ou seja, na quebra da tradição.

A problemática é constatar se essa contínua influência exercida pelo Romantismo sobre o público, mediadores e os artistas contemporâneos, mobilizando a discussão se realmente no círculo das Artes os espectadores se reconhecem com as características da estética romântica do século XVIII e início do XIX, em contraposição às abstrações contemporâneas. Esses indivíduos contemporâneos preferem conviver visualmente com obras de estilo arcaico?

Na verdade, existem muitas semelhanças entre a arte romântica do final do século XVIII e início do XIX com a arte contemporânea, começando com a representação subjetividade na produção da primeira e a conceitual na outra. Ambas exigem do público uma leitura complexa sem finalidades explícitas, mobilizando a reorganização mental do espectador diante a obra de arte.

De uma maneira ou de outra, ambos os períodos históricos estiveram envolvidos com mudanças comportamentais, técnicas e ideológicas que induziram uma tomada de posição diante a história da arte, a ocorrência mais significativa e comprobatória sobre as semelhanças entre eles neste aspecto está na iniciativa de Georg Wilhelm Friedrich Hegel em investigar o fim do espírito em que a arte foi feita, discutindo o conceito de arte.

Tempos depois Arthur C. Danto e Hans Belting chegaram à percepção de que “*alguma mudança histórica transcendental havia ocorrido nas condições de produção das artes visuais*” a partir dos anos 1960- como sendo os anos onde se pode pensar a arte filosoficamente, o suficiente para- E escreverem sem considerar um ao outro sobre o fim da arte<sup>17</sup> (DANTO, 2006, p. 03).

As contribuições de Danto e Hans Belting sobre “*o fim da arte*” podem ser melhor compreendidas se forem associadas aos escritos de Lorenzo Mammì em: “*O que resta: arte e crítica de arte*” (2012). Nessa obra o autor reagrupa sua produção, forjada ao longo dos últimos trinta anos, em um trecho Mammì analisa as duas perspectivas do que seria o fim de uma das mais importantes manifestações humanas.

Danto cita muitas vezes esse ensaio de Belting em apoio a suas teses, mas a estratégia de Belting me parece oposta à de Danto. Danto tenta preservar a autonomia (a essência) da obra de arte em geral, e por isso renuncia a sua história e até à relação entre essência da obra e seu valor estético. Belting, ao contrário, tenta salvar a história da arte, e por isso renuncia ao caráter essencialmente autônomo da obra de arte. (MAMMÌ, 2012, p. 25)

Mesmo que a ideia de fim da arte seja retomada por esse ou aquele autor, seja ele “*crítico ou historiador de arte de tendências diferentes*”, além de se referirem a Hegel, ou seja, a um dos principais autores do Romantismo, todos estariam partindo de um ponto em comum, no que diz respeito ambos concordam que “*a arte dos últimos*

---

<sup>17</sup> N.A: Não que não se faça mais arte, mas o fim de uma narrativa mestra que permeia o modo como a arte era feita até então.

*trinta anos teria provocado uma fratura irreversível não apenas em relação às linguagens do modernismo, mas em relação à história da arte com um todo.*” (MAMMI, 2012, p. 17).

### **Entre um período e outro, o Modernismo.**

As questões de identidade nacional, heroísmo, registro de fatos históricos, memória e todos os outros gêneros enaltecidos pelos artistas românticos e depois pelos modernistas brasileiros, são constantemente revisitados nesta *“mistura de tradicionalismo e de novidade, de formas contemporâneas de encenação e de olhar para o passado”* caracterizando o que se convencionou chamar de pós-moderno. (CAUQUELIN, 2010, p.87).

O moderno, modernismo e modernidade são definições com muitas interpretações, afirma Anne Cauquelin (2010, p. 15) por isso é necessário definir para um discurso coerente o princípio da clareza. Moderno e modernismo são defendidos pela autora, como termos relacionados aos comportamentos, *“de uma atitude perante as inovações culturais e sociais”*, enquanto para modernidade *“designa os traços essenciais da sociedade e da cultura, identificáveis num dado momento e numa determinada sociedade”* (CAUQUELIN, 2010, p. 16) sendo aplicada a qualquer época da história, desde que a adesão a tal cultura seja reivindicada, nesse sentido podemos dizer que vivemos em nossa modernidade.

Porém, há uma consideração sobre modernidade em ordem sócio-histórica, só recentemente o termo foi reivindicado por certos grupos sociais. *“Sinal de adesão aos aspectos inovadores de uma época, ou seja, à crítica dos valores convencionais, esta reivindicação é sobretudo obra de intelectuais, artistas e de certos fabricantes de opinião”* que veio se tornar modelo apenas no século XIX (CAUQUELIN, 2010, p. 16).

A própria definição do Moderno, surgiu a partir de inovações artísticas de uma sequência cronológica ao Romantismo, parece mais fácil localizar a Arte Moderna como a união entre o conceito de modernidade e a prática estética, segundo conta Anne Cauquelin o termo é usado *“para qualificar uma determinada forma de arte que conquista um lugar (e simultaneamente uma designação) por volta de 1860 e que se prolongará até a aparição da arte contemporânea.”* (CAUQUELIN, 2010, p. 17).

As principais características da arte produzida nesse período é a estreita relação com o regime do consumo desencadeado a partir da década de 1850 (CAUQUELIN, 2010, p. 20) e o uso de manifestos que define certo tipo de movimento,

*“e mais ou menos proclama-os como o único tipo de arte digno de consideração”* (DANTO, 2006, p. 32), assim foi com o Surrealismo e outros tantos “ismos” fundamentados sob algum manifesto, que serviam como manual de instrução para os novos adeptos.

Arthur C. Danto, aliás, acredita que pelo fato do modernismo ter sido acima de tudo, a *“Era dos Manifestos”*, onde cada novo movimento que emergia era o detentor da verdade sobre o que era arte, e o restante não apoiado nas narrativas filosóficas fundamentais desse movimento, não eram considerados como arte. Esgotado em seus termos essa Era contribuiu fortemente para o surgimento da arte contemporânea.

Se pensarmos somente na arte brasileira, encontraremos constantes manifestações do romantismo mesmo antes da emancipação do Movimento a partir do século XVIII. Os portugueses já partilhavam de um estado de espírito melancólico que permaneceu no Barroco *“nas demonstrações de fé, nas vocações e no culto mariano”*. Esse tipo de romantismo foi depois manifestado *“nas cenas de costumes idealizadas do século XIX e, finalmente, no anseio modernista de valorização nacional e nos retratos femininos. Eram românticas as procissões campestres de Pancetti, como eram românticas e sensuais as mulatas de Di Cavalcanti”* (COSTA, 2009, p. 145)

### **Depósito contemporâneo de legados do Romantismo**

No centro cultural do país- São Paulo/SP- os lugares de exposição mais conhecidos estão repletos de obras de estilo romântico ou de propostas que enalteçam os legados e heranças de tal período. No MASP (MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO- ASSIS CHATEAUBRIAND), como já mencionado organizou e manteve em cartaz por quase quatro anos uma audaciosa exposição com seu acervo particular sobre o tema *“Romantismo, a arte do entusiasmo”*. Na Pinacoteca de São Paulo também encontramos vários exemplares de seu acervo expostos permanentemente com características do mesmo movimento artístico, e ainda se analisarmos outras instituições encontraremos em seu acervo ou nas suas propostas de exibição traços do Romantismo.

No MASP *“o acervo do museu está dividido em Arte Francesa, Italiana, Península Ibérica, Europa Central, Setentrional e Oriental, Arte do Brasil, Arte das Américas, Doações e Coleções”* e nesse caso *“a coleção francesa representa o*

*segmento mais importante do acervo, abrangendo um período de duzentos anos, entre meados do século XVIII e XX.” E se não bastasse o fato das obras mais importantes coincidirem com o período no qual surgiu e se desenvolveu o Romantismo, a “Arte do Brasil está representada por todos os estilos que fizeram nossa história: a arte acadêmica, as tendências românticas e realistas do século XIX, as vanguardas modernistas e a produção contemporânea” (DUPRAT, 2009, p. 07).*

Consideremos que com mais algumas obras do acervo de outras coleções compatíveis ao estilo romântico juntamente com aquelas da “Coleção Francesa” do século XVIII e XIX e às da “Arte do Brasil” de “tendências românticas” o educativo do museu estaria munido de material suficiente para organizar constantemente exposições sobre o Romantismo ou temas afins. O MASP, aliás, depois de ter passado por certo desconforto financeiro vem apoiando a ideia de usar e abusar de seu próprio acervo, evitando com raríssimas exceções<sup>18</sup> contratar exposições no exterior.

Na mencionada exposição: “Romantismo, a arte do entusiasmo”, organizada pelo MASP sob curadoria de Teixeira Coelho, as obras escolhidas para ocuparem o espaço de exposição não eram exclusivamente de um período cronológico claro, mas de estética aproximada.

Fonte Divulgação



**Ilustração SEQ Ilustração \\* ARABIC 1: A Canoa Sobre o Rio Epte, de Claude Monet, é uma das obras que foram apreciadas na exposição ROMANTISMO, A ARTE DO ENTUSIASMO.**

<sup>18</sup> N.A: Atualmente o MASP conta com sete exposições em cartaz, sendo cinco dessas organizadas a partir de seu próprio acervo. AS exposições em cartaz podem ser conferidas em: [http://masp.art.br/masp2010/exposicoes\\_emcartaz.php](http://masp.art.br/masp2010/exposicoes_emcartaz.php).

Outro exemplo é a Pinacoteca do Estado de São Paulo, o acervo exposto permanente é constituído principalmente por obras românticas. *“Como se sabe, a Pinacoteca do Estado de São Paulo foi criada em 1905 a partir da transferência de 26 pinturas do Museu Paulista – então o único museu público em funcionamento na cidade de São Paulo- para o Liceu de Arte e Ofícios”, estas obras “pertencem a oito artistas consagrados no fim do século XIX<sup>19</sup>”.* (NASCIMENTO, 2011, pp. 08-11).

Dentre estes oito artistas a maioria produzia obras de caráter romântico. O que podemos constatar também no Material Educativo da Pinacoteca disponibilizado gratuitamente para os professores das redes públicas de ensino. No Material recém consultado<sup>20</sup> a maioria dos artistas e obras é referente aos séculos XIX e XX, com exceção de uma proposta de criação poética em torno da escultura *Nuvens* (1967), de Carmela Gross. Porém, mesmo nesse caso a proposta poética dialoga com outra obra, “coincidentemente” produzida no século XIX: *Vista do convento de Santa Tereza tomada do alto de Paula Matos* (1863), de Henri Nicolas Vinet. (TEIXEIRA, 2013, *passim*.)

Outras instituições voltadas a públicos de gosto estético mais diversificado também estão apostando conscientemente ou não em organizar exposições que quando analisadas minuciosamente podem ser relacionadas a algum aspecto herdado do Romantismo. Tomemos como primeiro exemplo o MAM- Museu de Arte Moderna de São Paulo, o Projeto Paredes- *Marapé*, também de autoria da artista Carmela Gross, trás *“um conjunto de placas metálicas coloridas com nomes e dados de pessoas de várias nacionalidades que chegaram a São Paulo misturados com a designação tupi de acidentes geográficos.”* (MAM- MUSEU DE ARTE MODERNA DE SÃO PAULO).

Fonte: Divulgação



**Ilustração 2: O Projeto Paredes- Marapé, no MAM-SP é um exemplo de como aspectos do Romantismo ainda permanecem no imaginário do espectador.**

<sup>19</sup> A saber: José Ferraz de Almeida Júnior, Pedro Alexandrino, Oscar Pereira da Silva, Antonio Parreiras, Pedro Weingartner, Benjamin Parlagrecco, Antonio Ferrigno e Berthe Worms.

<sup>20</sup> N.A: Na verdade, aqueles que consegui consultar e que estão indicados nas “Referências bibliográficas”

O texto explicativo no *site* do museu diz que ao misturar nomes, países de origem e a idade com que chegaram ao Brasil, a artista tenta explorar a ligação familiar, a memória e a realidade desses imigrantes. O que o texto não fala, mas que fica subjetivo para o espectador que entra em contato com tal obra é a importância de se conhecer as origens, saber de onde veio, o fato é que ao pôr em discussão questões referentes à nacionalidade a artista já recupera um legado romântico, pois segundo Raymond Williams (2007, p. 285) foi exatamente durante o Romantismo histórico que o termo nacionalidade *“adquiriu seu sentido político moderno”*.

No MAM várias das recentes propostas de exposição podem ser tomadas como exemplo, em 2013 por decorrência das *“Manifestações de Junho”*- como ficaram mundialmente conhecida as passeatas do Movimento Passe Livre- foi organizada a partir do Laboratório de Curadoria a proposta de exposição *140 caracteres* com obras de seu acervo particular e juntamente com *“temas como as manifestações de rua e a disseminação de informação em redes sociais”* a exposição foi considerada pela presidente da instituição *“uma verdadeira plataforma de reflexão sobre o exercício da cidadania”* (VILLELA, 2014, p. 07).

De mesmo modo os termos cidade e o exercício da cidadania são heranças de um período histórico específico marcado pela Revolução Industrial, *“a cidade como uma ordem de assentamento realmente característica, sugerindo um modo totalmente diferente de vida, não se estabelece de forma completa, com suas conotações modernas, até o início do”* século XIX (WILLIAMS, 2007, p. 77). Talvez pelo modo como as palavras foram historicamente construídas seja possível desvendar os significados da sociedade moderna.

Se deixarmos de lado as palavras e seus significados, caímos no erro de ignorar as contradições e os conflitos sociais por traz de cada verbete, *“e a primazia de um sentido sobre o outro é resultado da prevalência de uma ideologia sobre outra”*, porém é evidente que nem todas as questões podem ser compreendidas mediante a simples análise das palavras, *“ao contrário, a maioria das questões sociais e intelectuais, incluindo tanto os desenvolvimentos graduais como as controvérsias e os conflitos mais explícitos, persistiam no interior e para além da análise linguística”* (WILLIAMS, 2007, p. 32-33).

Abandonando a discussão sobre as palavras e voltando aos lugares de exposição, tomemos como segundo exemplo- daquelas instituições de acervo

diversificado- das heranças do romantismo presentes em duas exposições do MAC USP- MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DA USP, antes de partirmos para tal análise consideraremos a coleção do museu:

A Coleção do MAC USP pode ser descrita a partir de alguns de seus segmentos mais importantes: arte moderna brasileira; arte contemporânea internacional e arte contemporânea brasileira. Cada um desses segmentos, por sua vez é dividido em subnúcleos, tais como: artistas italianos modernos; arte conceitual latino-americana, entre outros. A divisão por segmentos e subgrupos tem por objetivo facilitar estudos pontuais, assim como a produção de exposições e trabalhos educativos específicos. (MINISTÉRIO DA CULTURA e MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA, s/d).

O fato de contar em seu acervo com obras de diferentes partes do país e mundo evidencia a possibilidade do Museu em propor exposições tão diversificadas quanto, mas no caso desse artigo trataremos primeiro de abordar a exposição: *Marcantonio Vilaça: passaporte contemporâneo* (2003) e *MAGNELLI* (2010).

Na exposição de 2003, a curadoria organizou o evento em tornou das obras de um colecionador o próprio Marcantonio Vilaça que deu nome a exposição. No catálogo da exposição o colecionado é celebrado como “*um dos responsáveis pela profissionalização da arte brasileira nos anos 1990*” (AJZENBERG, 2003, p.12) a pluralidade das obras e sua contemporaneidade chamam atenção, mas nada soa mais romântico do que a descrição sobre as obras escolhidas:

A coleção exposta não é exaustiva. Propõe uma reflexão sobre as experiências e opções estéticas de seu colecionador, conhecido como personagem apaixonado pelo seu ofício. A mostra procura expressar as busca poéticas de Marcantonio, motivadas pelos seguintes módulos: sedução de um olhar que celebrou seu próprio tempo; concepções de uma arte apoiada não em convicções, mas em incertezas e, explosão do suporte, valorizando o cerne da matéria e ambiguidade. (AJZENBERG, 2003, p. 11).

Na exposição de 2010 assim como na de *Marcantonio Vilaça: passaporte contemporâneo*, foi uma personalidade do campo artístico que dá nome a exposição: *Magnelli*. Ciccillo Matarazzo e o pintor e autodidata Alberto Magnelli mantiveram estreito contato, esse por sinal foi responsável por indicar em 1949 as obras para o acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo, presentes agora no MAC USP.



Fonte: Divulgação



Ilustração 3: *Pedras (gigante)*, obra de 1993 de Alberto Magnelli usada para ilustrar a capa de catálogo de exposição sobre o artista.

Fonte: Divulgação



Ilustração 4: Alberto Magnelli no estúdio da Ferrage planejar Grasse 1959

As evidências que devemos considerar sobre tal exposição estão diretamente ligadas as obras expostas e ao contexto da época em que foram realizadas, afinal o artista despontou ainda antes da I Guerra Mundial, período ainda sobre forte influência do Romantismo histórico. A descrição de uma obra não inclusa no catálogo por Mario Pedrosa pode sintetizar tais evidências:

*Confrontation*, é uma obra em si, na sua solidão afetuosa, um dos traços mais permanentes da mensagem plástica e poética de Magnelli. Se voltei por ela é que, produto de uma criação feliz, exprime um otimismo sem ilusões e, sobretudo, confiança no futuro da arte. O quadro de Magnelli, sendo como é, criação do espírito e não documento psíquico, não é gesto impetuoso ou signo por vezes fulgurante como um Pollock, depois de ter sido evocativo e algo irônico em Klee. É, todavia, uma conjugação de signos, e logo um conceito, uma palavra, uma ideia. Não é signo, decerto, mas é pensamento. (PEDROSA, 2010, p.113).

Nessa descrição, assim como as instituições, curadores e a maioria dos artistas contemporâneos citados nessa parte do texto, como Carmela Gross ou aqueles participantes ocultos de algumas das exposições mencionadas, trazem intrinsecamente algo do Romantismo, mas no que diz respeito a representação artística existe algo na arte contemporânea que vai além da subjetividade.

### **A representação conceitual nos limites da história**

É difícil definir a arte contemporânea, talvez pelo fato de estarmos inclusos em seu período de constituição que naturalmente *“exige uma acumulação, uma evolução:*

*o aqui-e-agora da certeza sensível não pode ser claramente entendida*” (CAUQUELIN, 2010, p. 08), e pela a situação a que muitos como espectadores se enquadram diante a arte contemporânea de estar

Confrontado com a dispersão dos locais de cultura, diversidade das <<obras>> apresentadas e o seu número sempre crescente, o número igualmente crescente de revista, jornais e publicidade, solicitado por cartazes, influenciado por vezes pelos críticos de arte e reunindo catálogos, o público está, no mínimo, desconcertado pela arte contemporânea. (CAUQUELIN, 2010, p. 07)

Desconcertado, é a palavra escolhida pela autora para definir a situação do apreciador de arte diante a obra de arte contemporânea. O maior erro é pensar que toda arte produzida no presente seja considerada contemporânea, a Arte Contemporânea carece de um período constitutivo, de formas estáveis, portanto, de reconhecimento (CAUQUELIN, 2010, p. 08).

A estrutura que distingue as produções artísticas da Arte Contemporânea do restante, não se limita em enquadrar os conteúdos das obras, forma composição ou no uso desses ou daqueles materiais (CAUQUELIN, 2010, p. 09). A arte desse tipo deve ser entendida como de difícil definição, mas que tem suas características ligadas ao regime da comunicação<sup>21</sup>.

Outra problemática relativa, o declarado *“fim da arte”*<sup>22</sup> é marcado por uma nova postura diante a história da arte, Arthur C. Danto um dos formuladores do conceito entende o período em que a arte se encontra como além da narrativa mimética- da imitação. A produção artística adentra no período *pós-histórico*, *“de modo que qualquer coisa pode ser uma obra de arte”* (DANTO, 2006, p. 51)

Seguindo essa estruturação mental, entende-se que houve um divórcio entre estética e atividade artística, ou como o próprio o Danto afirma entre a filosofia e a arte, entre a arte sem nenhum imperativo estilístico e a até então considerada narrativa legitimadora, que colocava a definição do que era ou não arte pertencente a um estilo predominante.

---

<sup>21</sup> A autora se apoia na ideia de que o mundo da arte também foi abalado pelos novos meios de comunicação, portanto, se adapta as mudanças de perspectiva proveniente de tal organização social.

<sup>22</sup> Na concepção de Arthur C. DANTO e Hans BELTING, de que mudanças transcendentais na produção visual haviam ocorrido entre os anos 1960, a ponto de questionar o que era considerado ou não arte.

A pluralidade de estilos deflagrada pela Era dos Manifestos, a partir da década de 60 não precisava mais pertencer ao estilo certo, ou de subsumir ao manifesto certo, portanto, sem necessidade de uma reflexão filosófica que a legitime. “*Não existe mais uma forma especial que determine como deve ser as obras de arte.*” (DANTO, 2006, p. 52), a filosofia se encarregou de entender a questão “o que é arte”.

As imposições surgidas entre os museus e galerias a partir da prerrogativa “Isto é arte” motivou o surgimento nos anos 1960 da Arte Conceitual, ou arte conceito (VANDERLOO, 2011, p. 500) que buscava em sua essência questionar a própria natureza da arte.

A arte conceitual foi muito importante no fomento a debates e abriu caminho para Instalações (...) e para arte performática (...). Ainda que o auge da arte conceitual tenha acontecido em meados da década de 1970, desde então ela exerceu grande influência sobre as gerações mais jovens, entre elas a dos Jovens Britânicos (...). (VANDERLOO, 2011, p. 501)

A arte *pós-histórica* entendida por Danto como, marcada pela desvinculação com uma única narrativa mestra, ou de reflexão filosófica que legitime e englobe apenas um estilo artístico, é entendida por Cauquelin (2010, p. 90) como o período do surgimento de um novo caminho para o domínio da arte, onde a incumbência da produção artística é designar um objeto como arte, não importando as características técnicas, mas a atividade de designação, que faz existir a obra como tal.

Ambos os autores constatarem o surgimento da arte conceitual como a marca de um novo estilo de se fazer arte, de certo modo um estilo que só pode surgir e se estabelecer a partir da década de 1960, mas que vem influenciando desde então a produção artística Ocidental, chegou a vez de uma narrativa não mimética dominar, uma representação de múltiplas interpretações guiar os rumos da história da arte, a arte conceitual.

### **Considerações finais sobre subjetividade romântica e arte conceitual contemporânea**

Com tudo isso, podemos entender que a representação subjetiva de caráter romântico agradou muitos artistas de seu tempo e seguiu presente na prática de outros tantos artistas de movimentos posteriores ao ponto de chegarmos ao atual momento da arte contemporânea, onde a subjetividade e liberdade são tão grandes que alguns autores defendem a ideia de “*qualquer coisa pode ser considerado arte.*”

*Ou seja: como nas épocas passadas, não podemos imaginar tudo o que a arte pode fazer, mas, ao contrário das épocas passadas, não há mais nada que, em princípio, a arte não possa fazer” (MAMMÌ, 2012, p. 21).*

Assim segue a tese de Arthur C. Danto sobre o fim da arte. São os limites da arte que se tornam o objeto de reflexão filosófica e não a sensibilidade proposta por tal arte, nessa proposta o esquema da nova filosofia da arte depende *“da arte enquanto atividade atualmente presente, mas não necessariamente de obras de arte específicas: para chegar a uma definição genérica de arte, importa apenas que haja obras de arte, e se torna irrelevante saber a qual obra se atribui maior ou menor valor.”* (MAMMÌ, 2012, p. 21).

A proposta de Danto parece ser altamente válida para o contexto atual, mas não são todos os historiadores que concordam, para Argan *“fazer crítica de uma obra significa reconhecer o lugar, a colocação e o valor dela uma cultura, e a obra de arte é um objeto histórico por excelência”* sendo assim *“um objeto é obra de arte apenas na medida em que encarna um conteúdo histórico determinado num valor estético que de alguma maneira o transcenda, fixando-o num conteúdo universal”* (MAMMÌ, 2012, p. 21).

Ambas as perspectivas precisam ser amplamente investigadas pelos interessados em seguir uma linha específica, mas o que as duas mantêm em comum é a discussão sobre o valor creditado ou negado a significação da obra de arte, e nesse caso o processo de julgamento parte do observador, sendo que

Além dos julgamentos sobre as formas, das classificações e dos valores requeridos por uma estética, activa-se necessariamente uma certa forma de percepção da diversidade sensível. Nas nossas tradições culturais, no sentido de estrutura da apreensão do mundo, contamos com dois a priori que não pomos em causa: o espaço e o tempo. Estamos tão habituados à forma que lhes damos e ao modo como eles enquadram as nossas experiências que não pensamos que estes dois aspectos podem revestir outras formas para além da sucessão (no caso do tempo) e da extensão (no caso do espaço). (CAUQUEIN, 2010, p.108).

Pensar arte como conceitual ou subjetiva é considerar os mecanismos de espaço e tempo no qual nossa sociedade está inserida nesse momento, como vimos não é uma questão apenas de comportamento e escolhas de um determinado grupo de artista, mas de uma consciência coletiva demonstrada pelas propostas de exposições mais visitadas pelo espectador e pela própria escolha das instituições em organizar tais exposições.

**SEGUNDA PARTE**  
**PERCEPÇÃO DO O COTIDIANO ESTUDANTIL EM POEMAS E CONVERSAS**

Eu vou lançar um robozão  
E volto pra quebra,  
Não esqueço dos irmãos.  
Se não somar, se some  
Não pedi sua opinião.  
Se fica ligeiro quem encosta na sua mão...

As novinha vai no chão,  
Tô sempre com os zé porva no plantão  
A noite é nossa, nada me abala não...  
Roo7 amassa quando o papo é canção

Eu vou lançar um robozão  
E volto pra quebra,  
Não esqueço dos irmãos.  
Se não somar, se some  
Não pedi sua opinião.  
Se fica ligeiro quem encosta na sua mão...

As novinha vai no chão,  
Tô sempre com os zé porva no plantão  
A noite é nossa, nada me abala não...  
Roo7 amassa quando o papo é canção

Essa menina me liga na quinta,  
Sexta tem jet junto com as amigas.  
Se é a quinta, anotada na lista,  
Não quer camarote, só quer entra de pista  
Menina ligeira sabe onde pisa,

---

<sup>23</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qdzChVtbrFQ>

Não quer nem saber paga tudo a vista  
É assim que eu sigo vivendo a vida  
Canetando track da mente sai rima

Eu vou lançar um robozão  
E volto pra quebra,  
Não esqueço dos irmãos.  
Se não somar, se some  
Não pedi sua opinião.  
Se fica ligeiro quem encosta na sua mão...

As novinha vai no chão,  
Tô sempre com os zé porva no plantão  
A noite é nossa, nada me abala não...  
Roo7 amassa quando o papo é canção

Eu vou lançar um robozão  
E volto pra quebra,  
Não esqueço dos irmãos.  
Se não somar, se some  
Não pedi sua opinião.  
Se fica ligeiro quem encosta na sua mão...

As novinha vai no chão,  
Tô sempre com os zé porva no plantão  
A noite é nossa, nada me abala não...  
Roo7 amassa quando o papo é canção

Mano tô subindo, subindo de nível  
Eu sô não deixo subir pra minha mente  
Quando eu passo elas acham incrível,  
Enquanto os bico me acha indecente  
Mano tô subindo, subindo de nível  
Eu sô não deixo subir pra minha mente

Quando eu passo elas acham incrível,  
Enquanto os bico me acha indecente

Quem desmerecia quer colar,  
Mais sabe aprendi a perdoar,  
ruindade atrai ruindade por isso que eu tô suave,  
Tu só vai colher oq plantar,  
Sou agricultor da minha horta,  
Só planto felicidade, só planto felicidade.

Eu vou lançar um robozão  
E volto pra quebra,  
Não esqueço dos irmãos.  
Se não somar, se some  
Não pedi sua opinião.  
Se fica ligeiro quem encosta na sua mão...

As novinha vai no chão,  
Tô sempre com os zé porva no plantão  
A noite é nossa, nada me abala não...  
Roo7 amassa quando o papo é canção

Eu vou lançar um robozão  
E volto pra quebra,  
Não esqueço dos irmãos.  
Se não somar, se some  
Não pedi sua opinião.  
Se fica ligeiro quem encosta na sua mão...

As novinha vai no chão,  
Tô sempre com os zé porva no plantão  
A noite é nossa, nada me abala não...  
Roo7 amassa quando o papo é canção



Tô pensando no amanhã,  
Mais não esqueço do ontem...  
Fazendo muito dinheiro não era assim antes  
Não era assim antes  
Caro o meu pisante  
No pulso tem diamante,  
Bitch ligando no IPhoone  
Bitch ligando no IPhoone.

Chove na minha conta  
Sabe? É bloco de nota  
Fazendo dinheiro, eu sei  
Eu sigo a minha rota  
Bico não encosta!  
se brota de perrecagem sabe?  
Vai levar uma bota!

Na escola deu bota  
(quer se aproximar)  
não acreditava que nós vai chegar)  
hoje nem encosta  
(sabe que eu tô bem)  
eu virei o jogo  
(contando as de cem)

Se com dobro de idade  
eu com triplo de rima,  
Roo7i canta no fone da sua prima  
e lá onde eu moro sabe disciplina  
eu tenho respeito dos mano e das mina

Tô pensando no amanhã,  
Mais não esqueço do ontem...  
Fazendo muito dinheiro não era assim antes  
Não era assim antes  
Caro o meu pisante  
No pulso tem diamante  
Bitch, ligando no IPhoone

Bitch ligando no iPhone,  
Não sei se atendo mais,  
Quer vim fazer média bando de comédia  
Não vou te dá trégua pq eu sou sagaz,  
Mano eu trampo demais,  
Mostro que eu sou capaz,

---

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nCDT3vy5gy0>

Oq eu canto é merda,  
minhas letra presta,  
mais vc escuta e tão tanto faz.

Não vou deixa me abalar  
eu sei quem eu sou,  
não nasci pra te agradar s  
ei pra onde eu vou  
nos passo no baile a cena roubo,  
me encantei com a gata que passou,  
pedi o whats dela e ela me passo, f  
ica impressionada só pq eu tô.

Tô pensando no amanhã,  
Mais não esqueço do ontem...  
Fazendo muito dinheiro não era assim antes  
Não era assim antes  
Caro o meu pisante  
No pulso tem diamante,  
Bitch ligando no IPhoone  
Bitch ligando no IPhoone.

Tô com peixe hoje  
Conto as cem,  
Vc sabe mano  
Igual a mim não tem,  
Tô de nike  
Me sentido bem,  
São fases e o pior eu já passei.

Tô com peixe hoje  
Conto as cem,  
Vc sabe mano  
Igual a mim não tem,  
Tô de nike  
Me sentido bem,  
São fases e o pior eu já passei.

Já passei no corre  
Me entreguei,  
Tô indo atrás do meu futuro  
Sem pisar em ninguém  
Eu só pisei no meu air force  
Farnei meu malote  
Já dizia Didico  
Não gostou se morde

E eles tá se mordendo a inveja  
Tô vendo,  
Não consegue te ver crescer  
E continuar pequeno,  
Só juntando vivência e absorvendo  
Tudo que for me agregar  
Tô sempre aprendendo

Então trava...  
Ela me vê já batendo palma,  
Virado no estúdio a letra boa  
Vem da alma,  
Me sentindo quente  
Parece que tô na sauna

220 sou inimigo da calma,  
Chuva de dinheiro  
Fazendo chover na sala,  
Amigos de verdade fala bem nas suas costas  
E os for de ruim ele vai te dizer na cara

Guias que eu escuto,  
Guias que me protegem,  
Virado no estúdio  
Bolando uma track,  
Eu vou mudar meu mundo  
Quem vai atrás consegue,  
Penso no meu futuro  
Muito prazer: Roo7

Tudo o que eu faço  
Eu dou raça,  
Eu lembro quem riu  
Da cara do menó  
Se quer então faça,  
Igual cr7  
Eu sou o melhor

Tô com peixe hoje  
Conto as cem,  
Vc sabe mano  
Igual a mim não tem,  
Tô de nike  
Me sentido bem,  
São fases e o pior eu já passei.

Tô com peixe hoje  
Conto as cem,  
Vc sabe mano  
Igual a mim não tem,  
Tô de nike  
Me sentido bem,  
São fases e o pior eu já passei.

## Sem título<sup>25</sup>

Mc Roo7

O país onde o rico fica mais rico  
e o pobre fica mais pobre,  
lá já rua um morre de frio  
e quando vc se cobre  
uns morre de fome  
rasga o lixo  
da comida que vc joga fora  
só pq vc não gosta,  
independente se tiver sujo  
ou limpo matando a fome  
é o que importa,  
e vc reclamando  
que a internet tá uma bosta.  
Quem faz bem  
recebe o bem,  
ajude quem não tem,  
e se tu relaxar toma cuidado  
que nessa situação  
pode ser vc tbm.  
Pensa no seu futuro  
e tbm para de reclamar  
de qualquer coisa  
pq vc tem tudo

---

<sup>25</sup> Poema escrito e recitado de improviso em uma das aulas do Professor Franklin Oliveira dos Santos.

Se render aos encantos de uma sereia, se entregar a uma experiência de contemplação transcendental do belo natural, se entorpecer diante uma boa canção entoada unicamente pela voz feminina de um ser de formosura quase angelical ou quem sabe ainda deixar ser devorado pela iminência de algo inatingível, estas questões todas são parte de uma mesma problemática que a mitologia grega trouxe ao discorrer sobre Ulisses. Embora morrer não seja opção diante a tarefa que precisa ser cumprida, que decisão tomar diante o perigo iminente da morte?

Pensando nessas questões a partir de um viés contemporâneo, fica difícil pensar como estar diante de tamanho dilema, como evitar o inevitável? O canto da sereia, que na verdade também é seu encanto, pode ser associado diretamente com várias práticas alienantes do cotidiano. O que nos atrai mais do que uma boa canção, multidões lotam apresentações musicais dos mais diversos gêneros, a internet disponibiliza tais apresentações em ambiente virtual que alcança novos espectadores. Em cada letra destas canções, mensagens de afeição encantam alguns ao mesmo tempo em que enojam outros.

O exemplo da música hoje é apenas um dentre o complexo “mar de sereias” que estamos sujeitos. Cada canção, gênero, autor e músico têm seu próprio meio de sensibilizar, de encantar o público, o mesmo acontece nos museus com os artistas e nas plateias de teatro. A arte em si, corresponde ao “encanto da sereia” que não podemos resistir, é aquilo que vivemos sem, mas que não vivemos do mesmo modo, vivemos melhores com ela. Com ela vivemos iludidos e mais felizes, por termos nós vivido certo tempo hipnotizado por ela, até que, vale à pena morrer.

A morte que tanto assombra os humanos e que Ulisses resistiu por horas, mas que também não foi capaz de vencer, não é um problema sem solução. O grande problema da morte é como morrer. Os antigos gregos já sabiam disto, que para se tornarem imortais precisavam realizar façanhas que lhes rendesse fama suficiente para serem lembrados pela eternidade. Quem saberá responder se Ulisses realmente existiu? Mas com certeza todo mundo conhece Homero.

---

<sup>26</sup> Resposta dada à pergunta: “O que você faria se fosse Ulisses?” como critério de avaliação para participar da Convocatória Vitrine#4 do Ponto Aurora, em 2016.

Ser devorado por uma sereia, talvez fosse uma morte desejada por vários marinheiros, afinal, quem saía para o mar sabia o que enfrentaria. Estar diante de turbulentas águas, também traz referências simbólicas importantes para interpretar o nosso cotidiano. Com os diversos conflitos e falta de um centro para a formação de uma identidade coerente, são muitos os “marinheiros” que se veem confusos e atraídos pelos “encantos da sereia”, ou melhor, de qualquer sereia. Se considerarmos que a sereia equivale em nosso contexto àqueles seres com habilidades de nos fazer esquecer as árduas tarefas a cumprir ou do fardo que temos que levar. Assim, precisamos aceitar que também haverá outras sereias aptas para nos impor tais tarefas e fardos.

Nisso convém primeiro identificar por qual tipo de sereia estamos sendo encantados, para depois resolvermos como agir.

Se a mitologia grega, assim como todas as outras mitologias não falam de fatos concretos, mas de interpretações a serem traduzidas certamente há uma lição de vida por trás da narrativa de Ulisses. Franz Kafka sugere em seu texto: *O silêncio das sereias* (s/d) que “*até meios insuficientes– infantis mesmo podem servir à salvação*” (KAFKA, s/d). Talvez essa seja realmente a mensagem universal da estória, mas novamente, contextualizando com a realidade de nosso cotidiano, é o que Kafka escreve em suas palavras finais que mais chama atenção:

De resto, chegou até nós mais um apêndice. Diz-se que Ulisses era tão astucioso, uma raposa tão ladina, que mesmo a deusa do destino não conseguia devassar seu íntimo. Talvez ele tivesse realmente percebido– embora isso não possa ser captado pela razão humana– que as sereias haviam silenciado e se opôs a elas e aos deuses usando como escudo o jogo de aparências acima descrito. (KAFKA, s/d)

Isso que ele chama de jogo de aparências é tão pertinente ao nosso contexto quanto à colonização da internet pelas redes sociais. Aliás, talvez, seja nesse ambiente onde esse jogo acontece de forma mais evidente. A maioria dessas plataformas de rede social tem como princípio deixar que o usuário crie seu próprio perfil, construa uma projeção de identidade de si para a rede. Em muitos dos casos– para não falar todos– o usuário se apresenta de uma forma a convencer os outros usuários que ele é legal. Raramente publica-se no Facebook ou no Instagram o boleto digitalizado das contas da compra da passagem, em compensação os usuários fazem questão de compartilhar as fotografias do passeio no ponto turístico da cidade

visitada. Acontece também em outros exemplos, mas sempre aquilo que temos de melhor é o que mostramos.

Sendo assim, consideremos a seguinte interrogação: “*O que você faria? Ou, o que você faria se fosse Ulisses?*” diante a tais pressupostos que, acreditamos, tais perguntas se referem? No mundo em que vivemos o jogo das aparências ou a adoção da metodologia adequada para alcançar a salvação, não temos apenas uma resposta para cada questão, mas algumas variáveis:

- **Para o que você faria:**

É assim como a outra opção uma situação complexa. Precisamos encarar de duas maneiras, o que eu faria no sentido literal da pergunta, considerando a narrativa de Ulisses como uma ocasião possível ou o que eu faria no sentido traduzido das mensagens subliminares possíveis dentro da narrativa.

Em sentido literal, é fácil explicar uma posição. Diante do contexto de Ulisses e sabendo da estória como eu sei, faria o mesmo que o personagem, provavelmente a mesma metodologia adotada por ele surtiria o mesmo efeito, visto que se tratam das mesmas sereias. Por outro lado, se o contexto fosse outro e assim como eu sei, as sereias contemporâneas também já conhecessem o desfecho da estória, a solução seria outra. Talvez a minha salvação estivesse na tecnologia dos materiais a serem usados e no tempo de contato com a exposição dos encantos das sereias. Minha sorte seria estar equipado de dispositivos mais resistentes, do que a cera e preso a uma embarcação mais veloz.

Agora considerando o sentido subliminar da narrativa diante o jogo das aparências ou das metodologias adequadas. O mais provável é que me renderia aos “encantos da sereia” me tornando também um encantador, afinal, hoje em dia qualquer um pode ser autor, artista ou músico. Para isto, basta apenas recorrer aos mecanismos adequados para minha formação, a modernização da arte rompeu já há certo tempo com vários limites entre o ser artista e o ser espectador.

- **Para se vocês fosse Ulisses:**

Nesse caso, diante esta prerrogativa devo encarar a narrativa de forma literal. Se eu fosse Ulisses, certamente que eu não seria eu, seria o outro. Pensar como o outro é uma tarefa muito mais difícil do que resistir o perigo da morte eminente. Talvez, seja um pouco mais fácil se considerarmos que esse “outro” ficou imortalizado pela Odisseia de Homero e não é um “outro” marginalizado da História, quem poderíamos



comparar enfaticamente a aberração híbrida da natureza que é uma sereia. Ser Ulisses parece muito mais digno do que ser a sereia.

De qualquer modo, eu sendo Ulisses faria o mesmo, pois parece até hoje ser a única solução possível: não ouvir, não olhar, resistir ao outro ser sem identidade fixa. Metade mulher, metade peixe, uma aberração completa, onde a única solução é não se indignar.

A questão levantada é muito rica e pode ser melhor estudada com auxílio de autores importantes dos Estudos Culturais Ingleses e Latino-Americanos, como Stuart Hall e Néstor Garcia Canclini. *Da diáspora* (2013) e *Culturas Híbridas* (2011) obras publicadas pelos respectivos autores, são capazes de trazer importantes contribuições para contextualizar a narrativa de Homero. Em suma, o que pretendo dizer é o seguinte: Hoje em dia precisamos ouvir mais a história contada pela perspectiva das sereias do que a de Ulisses.

## DO MUSEU DAS MONÇÕES AO MUSEU PAULISTA<sup>27</sup>

Eloy

Sempre olhei com desconfiança para o museu histórico da cidade onde vivo, Porto Feliz. Era como me lembro, meio abandonado com algumas reproduções obras de arte, que hoje sei são réplicas. Na entrada a gente assinava um livro e cumprimentava um senhor que foi vizinho de casa. A melhor parte com certeza era os animais empalhados. Ouvia-se rangidos e um cheiro estranho pairava no ar.

Hoje, o Museu das Monções está fechado, ninguém sabe muito bem o porquê, mas suspeito que seja por falta de interesse. De fato, as coisas mudaram muito desde minha última visita a tal estabelecimento, acho que faz uns dez ou onze anos. De lá para cá, me interessei por história e arte, deixei de solenizar a figura do monçoeiro, aprendi a ter nojo.

É interesse, pois foi difícil aceitar que a história contada pela perspectiva dos vencedores omita um infindável leque de atrocidades. Estupros, mortes, roubos quem sabe quantos crimes e vítimas o senhor Antônio Aranha Sardinha colecionou. Tento não pensar muito nisso, mas é “foda” toda vez que passo pelo centro, me lembro que antes estava cheio de índios.

Enfim, reconheço que o Museu das Monções foi o primeiro lugar que tive contato com expografia, arte e cultura erudita. Não me lembro de ter vivenciado nada parecido antes de subir as escadas dos “rangidos”. Ainda vivo aqui em Porto Feliz e passo por um tremendo conflito, na História da Arte que em breve serei mestre vejo vários exemplos de ativismos, alienações, vandalismos e transformações. Queria muito discutir sobre o herói monçoeiro, escachando, questionando, desconstruindo o mito.

Por outro lado, eu vejo que falta muito (auto)conhecimento, formação e recursos para o povo portofelicense entender o debate. Só nas últimas três apresentações teatrais da Semana das Monções que houve certa tentativa de mudança de discurso, embora os cortejos continuem amostrar o não-branco como submisso.

Como disse, foi difícil para entender tudo isso e só comecei a pensar sobre depois que entrei na faculdade. Aliás, foi na faculdade que tive uma experiência

---

<sup>27</sup> Texto apresentado no I Concurso de Crônicas do Museu Paulista (2016).

estética parecida, embora meu foco de investigação seja para as artes modernas e contemporâneas, tenho muito interesse pelo período Romântico e Realista da História da Arte. Teve uma excursão com o pessoal da faculdade para conhecer o Museu Paulista, e se tem uma coisa que todo estudante de arte precisa fazer uma vez na vida é visitar o Museu Paulista.

Fui “seco” para ver o quadro da “Partida das monções”, que nada de Pedro Américo, jardim descomunal e arquitetura deslumbrante, eu queria ver “pessoalmente” o cartão postal de Porto Feliz, eu precisava sentir aquilo. Nossa foi metafísico, viajei e por mais que tudo fosse tão lindo o modo como Almeida Júnior representou a neblina me entorpeceu, fique encantado. Na época eu morava bem perto do rio e acordava cedo para trabalhar, a neblina era igualzinha àquela que me envolvia quase todo dia.

Havia um monitor, que acompanhando a visita e sob recomendações sempre pergunta se tínhamos dúvidas. Eu já não me aguentava, precisa saber:

— Como ele produziu o efeito da neblina? E a restauração, como o pessoal faz para não perder isso? Indaguei, meio tímido.

Para minha surpresa, ele me respondeu que não tinha sido feita nenhuma restauração até então e provavelmente logo precisaria de uma. Isso acontece em 2011 e desde então nunca mais visitei o Museu Paulista, pouco tempo depois o museu foi fechado para reforma, o mesmo que disseram que seria feito no Museu das Monções.

Depois de terminar a graduação tentei quatro vezes passar em algum processo seletivo de mestrado. As duas primeiras eu fiz para Estudos Culturais na EACH- USP Leste e as outras duas em História da Arte na UNIFESP- Campus Guarulhos, onde estou prestes a apresentar minha Qualificação. Escrevi um projeto sobre Os resquícios do Romantismo na Arte Contemporânea, tentando equivocadamente comparar o “efeito de neblina” na obra de Almeida Junior com a Coleta da Neblina de Brígida Baltar. Depois de orientado e de ter amadurecido as “ideias”, acabei direcionando minha pesquisa unicamente ao Projeto da artista carioca.

A experiência que tive no Museu das Monções me estimulou pesquisar sobre a obra de Almeida Junior salvaguardada entre as paredes do Museu Paulista. Depois coma experiência concreta diante “o efeito de neblina” conheci o caráter metafísico da arte romântica. Consequentemente, o metafísico da arte romântica me levou ao imaterial da arte contemporânea. Embora eu não veja a hora que reabram ambos os museus, o que sinto mais falta é o espírito do lugar, a áurea que emana do “efeito de neblina” e do “ranger das escadarias”.

Graças ao acervo do Museu Paulista, agora Porto Feliz já tem seu aspirante para mediar o debate: “Monçoeiro, vilão ou herói” e eu a certeza de que existem lugares que me farão sempre lembrar como a sensibilidade artística é a característica mais importante que um museu pode evocar.

## GENTE DE QUEM, NÃO É GENTE DA GENTE

Eloy

Apagaram meu graffiti  
Nem levaram em conta  
O envolvimento das pessoas  
A mensagem, o motivo  
Por que fizeram isso comigo?

Não sei também  
Só sei que está não foi a primeira vez  
Teve uma lá no Canta Sapo,  
O muro da escola também ficou zoadado  
Que saco...

No fundo, esta última vez  
Foi pior  
Era uma homenagem ao “Menor”  
Estêncil, retrato, dinheiro gasto  
Viagem e desgaste

Parte do povo alheio  
Não veio,  
Mas criticar e falar do que não sabem  
Ah! Isso eles fizeram  
E como fizeram...

Nota pública  
Pedidos de desculpas  
É pouco  
Não quero só financiamento  
De outro evento

Renomear a quadra é o mínimo  
Com o nome do Kevinho  
Kevin Augusto Clemente  
Não foi gente de quem,  
Foi gente da gente!

Uma mensagem, tenho  
Para o “zé povinho”:  
- Assim não vai ficar!  
Como disse Os Gêmeos:  
- A lata vai revidar!

Seja em Porto Feliz,  
Ou em qualquer lugar  
Todo mundo vai saber  
Tão atrasado e sem escrúpulos  
É você

Gente de quem?  
De quem “baba ovo”...  
Essa história de novo?  
Gente de quem  
Nunca será gente da gente

Gente de quem  
Consente  
Resistiremos,  
Como sempre...



**Ilustração 1:** Graffiti do retrato de Kevin Augusto Clemente antes de ser apagado pela Prefeitura de Porto Feliz-SP, 2017. Fonte: Arquivo pessoal.

## EU SABIA QUE VOCÊ EXISTIA!

Eloy

Você não sabia.  
Naquela entrevista  
Era de mim que você dizia:  
Graffiteiro só é reconhecido  
Quando expõe no estrangeiro.

Você não sabia  
Na greve que você fazia...  
Era os meus direitos que você defendia  
Na Frente da Prefeitura  
Dentro da Sala, no meio da rua

Você não sabia  
Mas em 2019 quando a gente fazia  
Os projetos que a gente fazia  
Quando a gente fomentava a imagem das minas.  
Era pura sintonia!

Quando a gente brigava  
Quando a gente discutia  
Quando eu resmungava  
Quando eu fungava  
Quando eu ria

Eu não sabia  
Mas era pura sintonia!  
Um fio condutor que sai do coração  
Encontra outro coração  
Outra alma, outra família  
Outra história, outra vida

Das suas palavras fiz as minhas  
Me desculpa! Mas fui incoerente  
Fui inocente, fui inconsequente  
Fui moleque, fui gíria  
Fui insistente.

Você foi pulso que pulsa  
Você foi nervo que salta  
Você me fez calar para te ouvir  
Você fez lista...  
Você me ensina a ser menos machista

Você foi noite  
Você foi dia

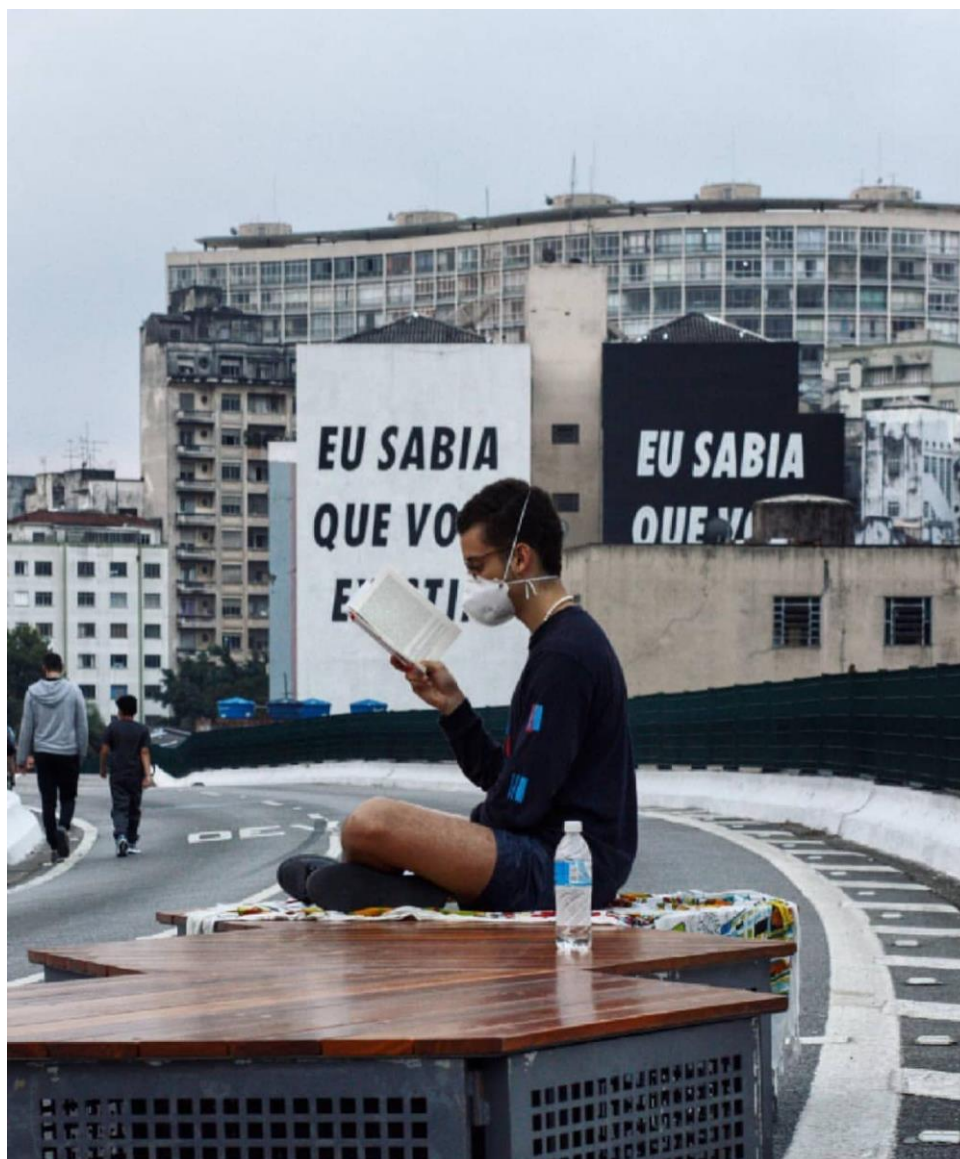


Você é cautela  
Você é vida  
Vívida!

Sou seu fã  
Não pretendo ser seu ídolo  
Quero ser seu amigo!  
Vou lutar por isso.  
Tem razão: sou exibido!

Você se diz preguiçosa  
Mas faz as coisas lindas  
Você me inspira  
Você não me conhecia...  
Mas eu sabia que você existia!

**Fonte: Divulgação (Parque do Minhocão)**



## AFORISMOS EM DIÁLOGO

A última parte desse livro-experimento é formado por uma das metodologias de pesquisa menos valorizadas pela comunidade acadêmica: a Entrevista. Das Revistas Científicas da área de Educação classificadas com Qualis A1 pelo sistema de avaliação Sucupira, apenas umas poucas disponibilizam a modalidade de submissão Entrevistas. Na modalidade Artes o número de adesão não é diferente.

A Entrevista é uma das técnicas de coleta de informações mais comuns para os pesquisadores e formadores de comunicação, também é uma das técnicas escritas que mais se aproximam da oralidade. A oralidade, por sua vez, e para o terror dos distópicos, ainda é o principal meio de comunicação entre as pessoas.

Nas escolas, embora, o texto escrito e os recursos tecnológicos sejam cada vez mais indispensáveis, as metodologias de ensino-aprendizagem voltadas a promover a entrevista se concentram no Componentes Curriculares Língua Portuguesa e História, tendo em raros casos os envolvimento de outras áreas do conhecimento. Contudo, por conta da pandemia e o ensino remoto, técnicas de oralidade se intensificaram e provavelmente abriram espaço para novas experimentações do tipo.

Na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, que até outro dia foi uma das consideradas exemplos de valorização da carreira docente, também não valoriza a entrevista e/ou o Relatos de Experiência como texto científico. Para a Evolução Funcional, um profissional da Educação que oferece uma palestra ou aula magna em um evento científico pontua menos do que se estivesse em meio ao público assistindo essa palestra. A lista de pontuação para evolução funcional disponibilizada pela SME, atribui míseros 0,2 pontos para aqueles que apresentam os resultados e seus estudos em eventos promovidos pela SME, Prefeitura ou Rede de Colaboradores associados e 0,5 para aqueles que marcam presença em tais eventos que devem ter no mínimo 8 horas de duração. Novamente, a lógica se alinha com a tradição acadêmica, as publicações valem 1,0 ponto na lista supracitada.

Desse modo na contramão da lógica vigente, apresentamos a seguir uma tentativa de incluir essa técnica marginalizada em nosso trabalho, com a finalidade de chamar a atenção pela sua relevância. E por fim incluir um cariz mais descontraído para essa publicação, que gira em torno de algo tão complexo: os resquícios do Romantismo no cotidiano.

## 1. Família ideal

**Eloy:** Não tenho certeza como você percebe sua família. Vi na sua apresentação que eles apoiam sua carreira artística e percebi em nossas conversas paralelas que se preocupam com sua segurança. No meu caso específico, sou filho de pais separados, sendo que meu pai foi sempre uma figura ausente, eu costumo dizer que sou órfão de 'pai vivo'. Quando eu tinha sua idade, eu senti muita falta de fazer parte de uma "família ideal". Tempos depois, minha mãe morreu de AIDS e eu tive que morar com meu irmão, sozinhos. Daí as coisas só pioraram. De modo geral, eu esperava que após casar eu formaria essa tal de "família ideal", nunca nem vi! Minha esposa não planeja ter filhos, nem adotar. Nunca tive uma família ideal, hoje não espero ter mais. E para você, como essa eventual necessidade de pertencer a um núcleo familiar padrão te afeta? Isso te afeta? Você almeja construir uma família ideal?

**ROO7:** Apesar de eu não ter tido uma "família ideal" eu almejo ter uma sim, meus pais são separados, mas são amigos, e eu tenho padrasto e madrasta. Eu tô aprendendo lidar com isso, eu respeito a relação dos meus pais com eles, mas não quero que meus filhos tenham um padrasto.

## 2. Vulnerabilidade

**Eloy:** Agora eu queria chamar sua atenção para um ponto importante, nem sei ao certo como fazer isso, mas vou tentar assim: Você sabe e se reconhece como um adolescente periférico, também sabe que em nosso país, cidade, estado e na região que você vive ser periférico implica estar em constante perigo. Todo adolescente e jovem, por definição, por estar em fase de desenvolvimento de sua personalidade, é vulnerável. Você sabe e se reconhece como um ser vulnerável? Consegue perceber o que isso implica? Como isso implica na sua formação pessoal e artística?

**ROO7:** Mais ou menos por eu ser branco, é nítido que é maior o preconceito da polícia com pessoas negras e pessoas com cabelo crespo. Muitas das vezes essas pessoas têm dificuldade de arrumar um emprego por preconceito.

## 3. Amor romântico

**Eloy:** Não sei se você namora, mas sei que você entende que existe pontos positivos e negativos em namorar na tenra idade (cedo). Eu sou casado há quase dez anos e consigo listar uma página de pontos positivos e negativos. Somos bombardeados desde crianças por discursos e narrativas que nutrem um imaginário acerca do amor que não condiz com os fatos. É uma espécie de "mito do amor". O funk ajuda bastante a desmistificar isso, mas ainda existe um universo de produções cinematográficas, cultura popular (cantigas e ditos), literárias, radiofônica e musical que insistem no amor platônico (cego), como se não precisasse ser nutrido e construído dia a dia. Fale um pouco sobre sua aceção de amor?

**ROO7:** É algo complicado que as pessoas crescem achando que é obrigatório passar por isso, que você só será feliz se você se envolver com alguém, e eu entendo que não existe o jeito certo de amor, a sociedade cria um padrão dizendo o que é “certo e errado”, coisa que não existe um jeito certo.

#### **4. Bandido bom é bandido morto**

**Eloy:** Uma das possíveis consequências da vulnerabilidade é o crime. Muitos jovens podem ser presos por cometerem algum crime, conscientemente ou não, mas muitos depois se arrependem. Alguns levam uma vida inteira para compensar seus crimes. Ultimamente tem sido bradado em alto e nítido som: “Bandido bom é bandido morto!”. Suponhamos que eu tenha sido preso quando tinha meus 18 anos e fiquei até pouco antes de completar vinte e um, só depois por ajuda de amigos, de Deus/poder superior — existe maior aceitação para líderes religiosos que são ex-presidiários, em comparação a outros profissionais — e de meus familiares. Se esse bordão fosse uma verdade absoluta, hoje eu não estaria dando aulas para você e muitos outros profissionais não estariam fazendo o que fazem. Tenho certeza de que você concorda comigo e talvez conheça exemplos de pessoas que precisaram se recuperar dos traumas de uma prisão, mas gostaria que você falasse um pouco sobre como você encara a figura de ex-presidiários. Por que você acha que existem tantos presos no Brasil?

**ROO7:** Existe por falta de oportunidade na periferia. Por conta disso a pessoa não aguenta ver a família passando necessidade e vai ganhar dinheiro de forma “fácil”, que no caso é o crime, nem sempre o presidiário é culpado e quando é ele foi preso para arcar com as consequências e eu acho que isso faz que as pessoas não cometam os mesmos erros.

#### **5. Meritocracia**

**Eloy:** Consequentemente quando um ex-presidiário deixa a vida do crime, com ajuda ou não, se convertendo a uma religião ou não, há sempre quem os use como exemplos para enaltecer a meritocracia. Há quem diga: — Ah, se ‘Fulano’ conseguiu parar, você também consegue!; — Por que você não segue o exemplo de ‘Fulano’ e vai para a igreja/começa a trabalhar, quem sabe você não para de mexer com essas coisas!. E daí vai... É sempre fácil falar, mas seria melhor que não precisássemos. A droga por exemplo, é uma questão sanitária que não se resolve com força de vontade, não existe mérito algum que garanta a ‘superação/cura do vício’. O mesmo vale para — Estude que você passar na prova da ETEC!; — Estude para ser alguém na vida!; — Guarde dinheiro para se prevenir/para a faculdade!. Nada disso garante felicidade ou sucesso, no máximo aumenta as chances de alcançar a felicidade e de ter sucesso, mas não garante. Como você lida com essa cobrança da sociedade? Você percebe isso?

**ROO7:** A sociedade ama opinar na sua vida, no que você tem que fazer no futuro. Para ser “alguém” não é bem assim, você tem que fazer o que você gosta e impor o seu limite.

## **6. Morte e doença**

**ROO7:** Passamos pela pandemia a pouco e ainda estamos passando na verdade. Várias pessoas perderam parentes, um momento muito difícil para o país. Como você lida com a morte e com situações assim?

**Eloy:** A morte passou a ser um tema muito caro para mim, principalmente por decorrência da morte prematura da minha em decorrência da SIDA- Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (comumente conhecida como AIDS). Depois também com a morte da minha avó Cida, ela morreu bem no meu aniversário, um ano antes de eu me casar e no mesmo ano que terminei a faculdade. Minha avó foi a pessoa que mais me ajudou a arcar com os custos da faculdade, até que finalmente consegui uma bolsa de estudos pelo PROUNI- Programa Universidade Para Todos (esse último por intermédio de minha esposa). Quando eu tinha sua idade e vivia totalmente desamparado, vulnerável e num outro tempo e contexto a expectativa de vida para jovens como nós era muito baixa. Quando eu tinha sua idade eu ouvia muito as músicas do grupo de Rap Facção Central, demorou para eu entender as mensagens, mas superficialmente, isso me fez acreditar que eu não chegaria aos 26 anos de idade. Aliás, esse sentimento ainda me perturba. No fundo é difícil para eu acreditar que passei dessa idade e que estou fazendo coisas lindas na profissão que escolhi, que consegui formar família, que vivi mais tempo do que minha mãe. Mas foi no ano de 2017 que o sentimento sobre a morte bateu forte em mim, ou melhor, o luto. Um dos meus estudantes mais queridos, um daquelas turmas que até hoje são as únicas que estudaram comigo um ciclo completo (1ª, 2ª e 3ª série do Ensino Médio<sup>28</sup>) veio a falecer, ainda na flor da idade com 18 anos, que esteja em um bom lugar! Um dos irmãos dele é conhecido dos rolês da antiga e cheguei a ministrar aulas para ele, para mãe e para o irmão no mesmo dia, em turmas diferentes é óbvio. O nome dele é Kevin Augusto Clemente, e, é sobre ele e sobre o fato da Prefeitura de Porto Feliz/SP ter apagado a homenagem que fiz, no formato de Graffiti, em sua memória que se trata o poema: ‘Gente de quem, não é gente da gente’. Eu cheguei a ficar depressivo nesse ano. Mesmo sendo o ano que mais produzi artisticamente falando, tive minhas obras expostas em duas mostras relevantes e cheguei a participar da Bienal Internacional de Cerveira-PT, a mais antiga de Portugal e onde a artista que pesquisei no meu mestrado também já expôs, fui uma honra para mim. Cheguei a lançar um pixo lá “Kevinho é nóix”, mas não fui o suficiente a dor bateu forte. Desde então e após me recuperar, parcialmente, do trauma, meu interesse aumentou, sobretudo, em relação, aos estudos sobre a morte, o morrer e os ritos de passagem e especialmente no modo como artistas

---

<sup>28</sup> Foi a experiência com esse grupo de estudantes que eu usei como parâmetro para medir minha prática docente. Muitos deles continuam sendo meus amigos.

encaram a morte certa, transformando essa experiência em motriz criador para obras de arte inteligíveis, não apenas para os moribundos. Aliás, se pensarmos bem e de uma forma bem pessimista (*a la* Schopenhauer) somos todos moribundos esperando a morte chegar/nos encontrar. Hoje levamos nossos filhos ao estádio de futebol no final de semana ou para passear no parque, a pouco mais de 120 anos os levaríamos para assistir os enforcamentos públicos ou a flagelação de uma mulher ou homem escravizados, agonizando no tronco. Se pensarmos em milênios, seria comum vermos no alto de uma colina o corpo flagelado e ensanguentado de um ser humano morrendo aos poucos, enquanto servia de exemplo para os eventuais outros rebeldes. Ao invés do estádio de futebol, o rolê de fim de semana era ver leão comer gente no Coliseu. Ouço muito as pessoas falando sobre a violência de nossos dias, comparando os seus tempos de meninice: “na minha época não era assim”; “hoje é muito perigoso”; “mulher não pode andar sozinha a noite, senão corre perigo”. Mas sempre foi assim, é da época da minha avó que inventaram a fatídica frase “Ah, minha avó foi cassada no laço!”, como sei isso fosse um ato heroico, nada mais, senão a triste constatação que o Brasil é filho do estupro. Também é da época da minha avó que inventaram o nazismo como movimento político para a industrialização da morte. Quase ninguém lembra ou critica as marcas que surgiram ou que se aproveitaram da ascensão do nazismo na Alemanha, tais como Coca-Cola (Fanta), Adidas, Puma, Dr. Oetker, BMW, Volkswagen, Ford, Aspirina, Bayer, Hugo Boss, Motorola, Os Smurfes, Os 7 Monstrinhos, ThyssenKrupp AG, entre tantas outras, mas quando um cachorro morre na loja do Carrefour tem ondas de protestos e boicotes, não que não mereça, ainda mais depois do recente caso de espancamento até a morte de um homem negro, por racismo, no mesmo Carrefour. E os supermercados e marcas de café que a gente toma hoje, que só existe porque foram herdadas por famílias de descendentes de ‘donos de escravo’/senhores de engenho. Isso implica duas coisas: 1- Ou a gente não consome mais nada ou 2- A gente age politicamente, por meio de micropolíticas criticando e levando em consideração todos esses casos e não apenas os recentes, os que estão na mídia ou pior aceitamos uma terceira opção: 3- Deixamos como está e continuamos trabalhando, consumindo e repousado, num ciclo vicioso que nos leva acreditar que a campanha de shampoo da marca tal merece meu investimento, por que agora e só agora está investindo em preservação ambiental. Estamos morrendo a cada dia e estamos desrespeitando os mortos a cada dia que não criticamos o modo como trabalhamos, consumimos e repousamos.

## **7. Alienação do trabalho**

**ROO7:** Tem várias formas de ganhar dinheiro, eu por exemplo, já ganhei dinheiro com meu som. Outro dia o professor (Fellipe Eloy) falou que também já ganhou dinheiro com arte/Graffiti. A gente sabe que nem todo mundo ganha dinheiro fazendo o que gosta, acho que não é a mesma sensação de quando tá fazendo algo que gosta. Existe algum jeito dessas pessoas sentir prazer com o que faz, assim como nós sentimos quando estamos fazendo arte?

**Eloy:** O nome desse desconforto no trabalho é alienação do trabalho. A alienação do trabalho é uma coisa que me incomoda muito. Sou muito angustiado/ansioso e me entedio fácil. Gosto muito de trabalhar como professor porque nunca me sinto entediado. Entre 2008 e 2012, num momento de transição da minha vida pós-traumático, trabalhei em subempregos diversos a maioria na construção civil, nunca era tedioso, mas também não me dava prazer, não como eu sinto quando coloco Racionais Mc's para tocar na sala de aula enquanto vocês fazem um desenho qualquer, kkk. Queria dizer que trabalhar como professor funciona como uma terapia para mim, mas é mentira kkkk está mais para um desafio! Um desafio estimulante, pois acontece geralmente na escola (a pandemia mostrou outras formas de ser professor, aff), um lugar para encontros. Um palco de conflitos. Eu amo o conflito! Acredito que é a partir do conflito que temos novas ideias. É a partir do conflito que nutro minha criatividade. Nem todo mundo pensa assim, talvez por confundir o sentido que dou para as palavras 'conflito' com o sentido genérico que a palavra 'confronto' recebe. Confronto é zoador. Acho que precisamos ser agressivos para viver, nascemos a partir da violência do parto, faz parte da nossa natureza. Mas como não somos animais irracionais – as vezes acho que eles sentem mais e melhor que a gente- precisamos suprimir ou direcionar nossa 'natureza' violenta e sanguinária em prol de algo maior. Por exemplo, a alienação do trabalho tem o potencial de nos tornar calados, submissos e subalternos. As pessoas da periferia paulistana como você ou do 'cu do mundo' como eu, somos domados e treinados para sermos peão de obra, tudo nos leva a crer que não podemos ser mais do que isso. Lembro que em algum dia entre o ano de 2010 e 2012, minha avó recebeu a visita da proprietária da casa onde vivíamos de aluguel, por ser sua amiga e também por ter uma filha que fazia faculdade, ela se julgou detentora da verdade e disse para minha avó e tia em particular: "Embora seu neto estude, ele é um pé rapado, não tem futuro!" e fez uma comparação, que não me interessa muito, entre a faculdade da filha e a minha, como se a avaliação externa que uma instituição recebe fosse capaz de mensurar meu potencial. Hoje a filha dela está morta, que Deus a tenha em um bom lugar, mas o máximo que ela fez em vida foi trabalhar numa creche, assim como minha esposa já fez, mesmo que tendo estudado a distância numa dessas faculdades da vida mal avaliadas por órgãos externos. Eu sou um pé rapado que já foi convidado para expor na Europa, uma coisa, que para aquela infeliz senhora, pode significar algo grandioso. O que quero te dizer é que a 'idealização' do trabalho leva pessoas a acreditarem que precisam pisar nas outras para se promoverem ou que seu sucesso depende do outro, da Instituição onde estudou, da indicação de alguém, de sei lá o que mais. Mas é mentira. O sucesso não pode e não deveria estar correlacionado com essas coisas banais, mas com o seu prazer. Eu só estou cursando o Doutorado hoje em uma Universidade Pública, porque eu sinto prazer em pesquisar. Só estou ministrando aulas para vocês como um professor premiado, porque fui premiado por gostar de dar aula, por fazer o que gosto. Eu não sou exemplo para você e nem tenho moral alguma para te dar conselhos, mas posso assegurar que você só vai ter sucesso e se sentir realizado se continuar a fazer o que gosta. Eu acho que é cantar né? Você é foda nisso. Não importa se não

que vem vão te sugerir que você preste o processo seletivo para a ETEC com a promessa de um bom trabalho, não importa se para um jovem periférico um bom trabalho e boa remuneração é mais que importante é essencial. Você, eu e qualquer pessoa só vai deixar de se alienar pelo trabalho se ele estiver trabalhando com aquilo que ele gosta.

## **8. Amizade entre homem e mulher/sexismo**

**ROO7:** Como é trabalhar em uma área que há mais mulheres, sem que tenha segunda intenções?

**Eloy:** Para mim o grande problema das relações interpessoais não é as amizades entre homens e mulheres, para mim é a amizade em si. Eu queria falar com orgulho, mas sei que é triste, mas, psicologicamente, considero que não fiz nenhuma nova amizade desde o ano de 2005. Desde antes de eu entrar num ciclo de reconstrução<sup>29</sup>. Minha formação de pessoa, caipira, cisgênero e pouco cortês, me fez pensar que amizade é uma definição que só é manifesta efetivamente quando alguém, sei lá quem, adentra minha casa, meu lugar de repouso para tomar um café, fazer um churrasco regado com bebida ou almoçar no final de semana. Isso não acontece comigo desde meados de 2005. Pois bem, manter amizades com o sexo oposto é natural e relativamente comum, o grande problema para mim é fazer e consolidar tal amizade. Recentemente, posso dizer que considero a professora Juliana Martinek Salgado uma amiga, ou melhor, a considero uma irmã, se levarmos em conta o provérbio bíblico: “Quem tem muitos amigos pode chegar à ruína, mas existe amigo mais apegado que um irmão” (BÍBLIA DE JERUZALÉM, Provérbios 18:04, p. XX), é evidente, que a primeira parte do provérbio também faz sentido para mim, que julgo ter poucos amigos, mas a segunda é mais intensa, me chama mais atenção. Vou exemplificar um pouco da relação que construí com a professora Juliana Martinek: nós somos nascidos no mesmo ano: 1987, costumo dizer que somos da Geração Coca-Cola – como sugeriu Renato Russo em sua canção do Legião Urbana-, as vezes, digo que somos da Geração Sem Futuro, em comparação a decadência cultural desencadeada na década de 1980, mas, independentemente disso, nunca me esqueço de reforçar que somos “fodas”, somos os “fodão” da Geração Sem Futuro, kkkk. Em 2019, tanto eu quanto ela fomos removidos para a Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Leonel Franca, que na época e ainda, é considerada uma das piores escolas da cidade de São Paulo, também costumo satirizar isso, dizendo que: “Se é uma das piores da cidade de São Paulo e a Educação de São Paulo é uma das piores do Brasil, e a do Brasil é uma das piores do mundo, logo é uma das piores escolas do mundo”, ela não concorda. Nesse ano que entrei lá, em 2019, na primeira reunião que participei com a Equipe Gestora e os professores da escola, nos foi perguntado o que estávamos fazendo lá? O que vocês como professores vieram fazer aqui?

---

<sup>29</sup> Decorrências de medidas impostas a mim por conta do Processo nº 78/2006 (do Fórum de Porto Feliz - 1ª. Vara Judicial - 1º Ofício - LEI 6368/76 - LEI DE TÓXICOS).



Como podem contribuir para a escola e para a comunidade? Eu disse que fui lá, que estava lá para ganhar um Prêmio, que só seria de lá depois que fosse premiado, que elevasse o nome da escola em âmbito nacional e/o local. Foi o que aconteceu, graças ao projeto educativo “Memória, identidades e patrimônio”<sup>30</sup>, hoje eu critico muito o papel da Coordenação Pedagógica nas escolas da Prefeitura, mas esse projeto só surgiu graças à intervenção da CP Miriam. Aí, alguém pode falar, mas nessa época você não acumulava cargos, estava tranquilo, era fácil pensar e elaborar projetos. Sim, de fato eu estava relativamente menos atarefado, mas nunca é fácil desenrolar um projeto, esse mesmo não teve todas as etapas planejadas concluídas. O que quero dizer com tudo isso é que, desde o início, de quando eu cheguei lá, precisando me adaptar, causando, brigando com professores e gestão a Juliana nunca me tratou mal, posso dizer com confiança, que embora ela estava passando por momentos parecidos, simbolicamente, ela sempre segurou minha mão, dizendo vamos! Não que os outros profissionais não estivessem do meu lado, a Meire Pedrinho, por exemplo, é uma pessoa que vou levar para vida, ela não veio almoçar em casa, mas me convidou para ir à dela. Parece algo banal, mas não é. É simbólico (romântico, kkkk), mas que se materializa de forma tão simples e bucólica que parece mágica. Hoje, se tem uma amizade do sexo oposto que eu gostaria de levar daqui (EMEF Professora Maria Aparecida Rodrigues Cintra) é a da professora Paula de Oliveira Rezende. Como te disse antes, assim como me vejo em você, também me vejo nela. Um pouco mais além, por conta da experiência de vida, relativamente mais robusta que ela tem em comparação a você, e, também pela questão geracional. Ela também faz parte da Geração Coca-Cola/Geração Sem Futuro e assim como eu ela chegou a brilhante ideia de fomentar a imagem da mulher por meio de um projeto pedagógico. Nas discussões que tivemos nas rodas com os estudantes dos 9º Anos ouvimos e falamos sobre vários exemplos de sexismos, impedir que um homem tenha amizade com uma mulher ou presumir que qualquer relação entre esses dois gêneros pressupõe interesse sexual é sexismo, e eu sou completamente contra o sexismo. O melhor jeito de demonstrar isso é mantendo, nutrindo e quiçá fazendo novas amizades com mulheres, homossexuais, transsexuais e qualquer pessoa que tenha uma identidade sexual diferente da minha.

## **9. Fomento da imagem da mulher**

**ROO7:** As mulheres estão cada vez ganhando espaço onde não tinha antes, como no futebol, rap, (atuação) política e etc. O que você faz para acrescentar com isso?

**Eloy:** Os projetos pedagógicos: “Memória, identidades e patrimônio” e “Mulheres incríveis: Dez histórias, dez inspirações” foram premiados no mesmo, ou seja, por terem sido desenvolvidos no ano anterior. Você vai me dizer: “Nossa que coincidência!” eu te respondo “Não”, não existe nada de

---

<sup>30</sup> Premiado em 2020, com o XXI Prêmio Arte na Escola Cidadã na Categoria EJA.

surpresa nisso e não existe coincidência alguma que deva causar espanto. A grande surpresa é porque isso não aconteceu no ano anterior ou no anterior ao ano anterior, ou porque não aconteceu nesse ano. É plausível que mulheres protagonizem as premiações visto que elas são a maioria dos profissionais da educação, mas é de chamar a atenção que ainda existem poucas propostas pedagógicas que visem fomentar a imagem da mulher. Em 2018, 2019 e 2020 prestei serviço ao Ministério da Educação, mais especificamente a Secretaria de Educação Básica (SEB), vi a mudança de Governo debandar boa parte dos que ali estavam comigo (2019) – pensei se eu sair quem vão pôr no meu lugar, daí sim que isso vira uma merda! – para avaliar o Livro Didático, esse que você encontra na escola “Sua Arte”, fui eu que avaliei e julguei apto para ser usado nas escolas. Acontece, que dentre uma avaliação e outra a BNCC- Base Nacional Curricular Comum<sup>31</sup> foi atualizada e o que antes dizia:

“No decorrer dos volumes da coleção são trabalhados os **14 temas** contemporâneos elencados na BNCC: preservação do meio ambiente; educação para o consumo; educação financeira e fiscal; trabalho; ciência e tecnologia; direitos da criança e do adolescente; direitos humanos; diversidade cultural; educação para o trânsito; **sexualidade**; saúde; educação alimentar e nutricional; processo de envelhecimento e valorização do idoso; e vida familiar e social. O nome do tema contemporâneo abordado é destacado nos comentários do manual do professor.” (LOPES, 2017, p. VI)

Passou a dizer:

“No decorrer dos volumes da coleção são trabalhados os **14 temas** contemporâneos elencados na BNCC: educação ambiental; educação para o consumo; educação financeira e fiscal; trabalho; ciência e tecnologia; direitos da criança e do adolescente; direitos humanos; diversidade cultural; educação para o trânsito; saúde; educação alimentar e nutricional; processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso; educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena e vida familiar e social. O nome do tema contemporâneo abordado é destacado apenas nos comentários do manual do professor.” (LOPES, 2017, p. VI)

Ou seja, os professores de Arte e de qualquer outra área do conhecimento não deveriam mais abordar a Sexualidade na escola<sup>32</sup>. Isso diria respeito apenas

---

<sup>31</sup> A Versão Revisada de 2017 da BNCC foi atualizada pela definitiva em 2019. Essa última, excluiu a palavra ‘Sexualidade’ dos Temas Transversais, mesmo que o texto referenciado não (BRASIL, 2010). Uma demonstração concreta de interferência causada pela ‘ideologia política’ do novo Presidente/actual Governo.

<sup>32</sup> Segue na íntegra o argumento que apresentei contra a exclusão do termo:

“Embora a Editora/proponente argumente que o tema contemporâneo Sexualidade foi excluído arbitrariamente da versão homologada da BNCC, a fundamentação legal alterada nos enxertos não sofreu alteração, portanto, mesmo que a BNCC não cite Sexualidade como tema transversal, a nomenclatura deve continuar a mesma, pois no Artigo 16 da RESOLUÇÃO Nº 7, DE 14 DE DEZEMBRO DE 2010\* é descrito que:

aos professores de Ciências Naturais e ainda assim só a partir do 6º Ano do Ensino Fundamental. Isso me deixou perplexo, e, embora eu tenha relutado tive que seguir o novo texto da Lei, não sugeri nenhuma alteração nas propostas do Livro Didático, argumentando que embora a BNCC tenha arbitrariamente, alterado o texto, as Diretrizes Nacionais o mantinham. Eu tentei dormir com isso, mas não consegui. Sabia que tinha que fazer algo e algo significativo, dar uma resposta a altura. Foi motivado por isso e pela minha experiência de vida (é sobre minha mãe que me refiro e por ter feito EJA), desenvolvi o projeto e causei, com a ajuda de toso os envolvidos, um impacto de nível nacional e com reverberações que duram até hoje em âmbito local, a escola também recebeu um prêmio que é usado (um notebook e uma câmera 4k). É foda, quando você é criado por mulheres ir dormir sabendo que vive na porra de um mundo machista e misógino! Minha mãe me teve com 15 anos (sempre a critiquei por isso e é por conta disso sou a favor do aborto) com um homem/moleque que não a amava. Meu avô, homem do oitocentos, machista, não aceitaria de maneira alguma uma filha mãe-solteira, meu progenitor não a amava, então a batia. Nunca perdoei nenhum deles por isso: ela por não ter me abortado, meu avô por ter a tocado de casa e meu progenitor por ser

---

Art. 16 Os componentes curriculares e as áreas de conhecimento devem articular em seus conteúdos, a partir das possibilidades abertas pelos seus referenciais, a abordagem de temas abrangentes e contemporâneos que afetam a vida humana em escala global, regional e local, bem como na esfera individual. Temas como saúde, sexualidade e gênero, vida familiar e social, assim como os direitos das crianças e adolescentes, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90), preservação do meio ambiente, nos termos da política nacional de educação ambiental (Lei nº 9.795/99), educação para o consumo, educação fiscal, trabalho, ciência e tecnologia, e diversidade cultural devem permear o desenvolvimento dos conteúdos da base nacional comum e da parte diversificada do currículo. (BRASIL, 2010, p. 5)

A justificativa para a exclusão da palavra Sexualidade nesse caso, mesmo com a alteração da BNCC, só se deve se for por causa de censura deliberada. A única alternativa viável é que todos os termos da descrição enxertada também sejam excluídos e não apenas um, talvez substituindo “Saúde, Sexualidade, Vida Familiar e social, Educação para o consumo, Educação financeira e fiscal, Trabalho, Ciência e Tecnologia, e Diversidade cultural” por “Temas abrangentes e contemporâneos que afetam a vida humana em escala global”, caso contrário, a exclusão caracteriza indiscutível ato de censura institucional, inadmissível e inconstitucional. Afinal, existe inúmeras outros termos que não são tratados na BNCC e são citadas na Coleção, como por exemplo a palavra “Nova York”.

\* O documento pode ser consultado em: <http://portal.mec.gov.br/publicacoes-para-professores/30000-uncategorised/14906-resolucoes-ceb-2010>

Nesse sentido, não só a Coleção, mas a própria BNCC estaria adotando uma postura de doutrinação político-ideológica, considerando que “sexualidade” é uma palavra inadequada, mesmo com os inúmeros cientistas, pesquisadores, periódicos, universidades e institutos dizendo o contrário, dentre quais o próprio IBGE, ligado ao Instituto ligado ao governo\*\*.

\*\*Consultar: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero.html>

Ocorrências (Manual do Professor Impresso):

Volume 1: p. XVII (19).

Volume 2: p. XVII (19).

Volume 3: p. XVII (19).

Volume 4: p. XVII (19).

Volume 5: p. XVII (19).

agressivo, talvez eu aprenda um dia. E ainda depois teve o caso da SIDA. Ela morre e u vou viver com minha avó, mesmo meu progenitor estando vivo, precisei morar com outra mulher. Não tem nada que eu faça que possa compensá-las por tudo isso! Sinto que fomentar a imagem da mulher não passa da minha obrigação! É o que faz eu ser quem sou... e hoje pelo menos, gosto muito de ser quem eu sou.

#### **10. Pessoa com deficiência**

**ROO7:** Na escola e no dia a dia há muitas pessoas com deficiência, como você faz para lidar com elas?

**Eloy:** A questão da pessoa com deficiência ou dos direitos das pessoas com deficiência nunca foi algo caro para mim. Quero dizer, na minha adolescência, ainda quando vivia com minha finada mãe, que esteja em um bom lugar, convivi ativamente com um jovem surdo e mudo de nascença. Era Cleiton o nome, descobri recentemente que ele foi assassinado, segundo os relatos por alguém que estava interessado em roubar o dinheiro de sua aposentadoria. O 'Mudinho' como era chamado por nós na época, veio morar conosco, depois de completar 18 anos. Até então ele viveu na Casa das Crianças de Porto Feliz/SP, uma espécie de orfanato que acolhe crianças desamparadas na cidade que cresci. Minha mãe, tinha 'amigado' com o irmão dele, o Gê (Genivaldo) e estavam se dando muito bem. O 'Mudinho' veio morar conosco e foi tranquilo, vivemos bem e nos comunicávamos bem, na medida do possível. Um fato curioso, quando eu tinha meus 13 anos de idade, ainda não sabia andar de bicicleta, kkkk eu estava com ele e foi ele que avisou minha família quando me acidentei. Inventei de andar de bicicleta, consequentemente, me acidentei. Bati com força minha cabeça na porta vizinha de um bar na Vila Angélica/Canta Sapo (bairro periférico de Porto Feliz), tive coágulos e fiquei cinco dias em coma. Depois disso e depois que o relacionamento de minha mãe com o Gê terminou, basicamente nunca mais tive uma relação saudável com uma pessoa com deficiência. Contudo, por decorrência do meu posicionamento político e interesse de fomentar a imagem das mulheres tive contato com a obra de uma artista estadunidense: Lisa Bufano, que contraiu deficiência aos 23 anos de idade. Tudo aconteceu, porque a artista que eu pesquisava a obra e atuação no mestrado ficou doente, ele teve leucemia e precisou receber implante de medula óssea. Essa experiência levou-a a criar obras de arte que expunham seu drama de quase morte, anseio pela morte ou se preferir do drama da morte quase certa. Foi motivado por esse fenômeno que procurei conhecer outras artistas, preferencialmente mulheres, que tinham passado por experiência parecida. A primeira delas, depois da Brígida Baltar — esse é o nome da artista tema do meu mestrado—, que tive contato foi a Sam

Taylor-Wood<sup>33</sup>, que após superar o câncer de cólon (1997) e de mama (em 2000) produziu um conjunto de obras sobre os casos<sup>34</sup>. Fui pesquisando, pesquisando e hoje estou produzindo minha tese de doutorado sobre o tema: artistas mulheres com deficiência que fazem ou fizeram arte<sup>35</sup>. Eu quis mostrar isso para os estudantes dos 9º Anos, o meu foco de pesquisa, a gente discutiu sobre o que uma pessoa com deficiência pode ou não fazer. Não chegamos a uma resposta definitiva, porque nunca foi esse objetivo. Mas acho que eles entenderam alguma coisa... um projeto de tese de doutorado parece ser algo muito avançado para estudantes do Ensino Fundamental, mostrar vídeos de coró/bigatos decompondo o corpo morto de um coelho é chocante, subir nos ombros do professor para fazer um rabisco na parede é perigoso, falar 'cu' na sala da aula é inapropriado, ser mulher artista com deficiência é isso ou aquilo, pode fazer isso ou aquilo. Eles e vocês precisam saber que não existem verdades absolutas e que o essencial não é tudo o que nos define. Nascer homem pressupõe que eu e você somos essencialmente machistas, mas não precisa ser assim. Me perturba, essas heranças do romantismo que produz estereótipos atrás de estereótipos não precisam se perpetuar a cada vez que entramos numa sala de aula. Alguém precisa quebrar a corrente, sinto orgulho de fazer isso de alguma forma, mesmo que não seja uma ruptura definitiva, a balar os elos da corrente é muito, se levarmos em consideração o contexto histórico: o tempo que se levou para esse imaginário pré-moderno/romântico se consolidar. Hoje de várias formas diferentes, cada vez mais vemos pessoas tensionando esses elos, uma hora a corda arrebenta! Tomara que não seja do lado mais fraco, tomara que até lá tenhamos adquirido experiência suficiente para nos unir e não mais aceitar essa lógica burguesa e imperialista, que define quais são os corpos adequados, quais são os modos de se relacionar, de comportar, de se viver.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABADIE, D.I.; GONÇALVES, L. R. **Magnelli**. São Paulo: Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2010.
- ALBUQUERQUE, F. E. T. Ponderações acerca da adesão de São Paulo à Agenda 2030 e a implementação de seu currículo próprio, *In*: BÖLTER, S. G. (ed.); NOGUEIRA, S. V. (ed.) **Cidades Educadoras: teorias e modelos aplicados à**

---

<sup>33</sup> Hoje a artista adota o nome de Sam Taylor-Johnson, em decorrência do casamento com Aaron Johnson (ator que interpretou John Lennon no filme de *O garoto de Liverpool*). Ela também é conhecida por ser a diretora dos filmes: *O garoto de Liverpool* (2009) sobre a infância de John Lennon e *50 Tons de cinza* (2015).

<sup>34</sup> A Little Death (2001, que pode ser acompanhado em <https://www.youtube.com/watch?v=NYka4ouOXqk&t=32s>) e Still Life (2002, que pode ser acompanhado em: <https://www.youtube.com/watch?v=BJQYSPFo7hk>).

<sup>35</sup> A principal artista da pesquisa: Lisa Bufano se suicidou em 2013.

**América Latina.** Foz do Iguaçu: Editora CLAEC, 2020 [a]. Disponível em: <https://publicar.claec.org/index.php/editora/catalog/book/20>

ALBUQUERQUE, F. E. T. Arte urbana e cidadania: uma proposta de educação estética e fruição, *In*: MACEDO, D. R. de (org.). **Artes**: propostas e acesso. Ponta Grossa: Editora Atena, 2020 [b]. – Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/post-artigo/41653>

ALBUQUERQUE, F. E. T. **Relações entre o mundo na vida e obra de Brígida Baltar.** São Paulo: UNESP, 2018- Dissertação de mestrado

AMORIM, M. L. **A presença indígena nas rotas bandeirantes e nas monções.** Revista Monções: Revista do curso de História da UFMS — Campus de Coxim — out.2014/mar. 2015. – p. 46-62. Coxim: UFMS, 2015.

ARGAN, G. C. **Arte moderna**: do Iluminismo aos movimentos contemporâneos. São Paulo: Companhia das Letras 1992.

AJZENBERG, E. (org.). **Marcantonio Vilaça**: passaporte contemporâneo. São Paulo: Museu e Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2003.

ARIÉS, P. **História da morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

ARIÉS, P. **O homem diante da morte.** São Paulo: Editora UNESP, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Versão final. Brasília: MEC, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **PNLD 2020**: Arte – guia de livros didáticos/ Ministério da Educação - Secretaria de Educação Básica – **Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.** Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica, 2019[b].

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica.** Brasília: República Federativa do Brasil, 2010.

BRASIL. Presidência da República. **Estatuto do Idoso.** Brasília: Brasília: República Federativa do Brasil, 2003.

BRASIL. Presidência da República. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília: República Federativa do Brasil, 1996.

BRASIL. Presidência da República. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Brasília: Brasília: República Federativa do Brasil, 1990.

BRASIL. Senado. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Brasília: República Federativa do Brasil, 1988.

BYUNG-CHUL, H. **Capitalismo e impulso de morte: ensaios e entrevistas**. Petrópolis: Vozes, 2021.

BYUNG-CHUL, H. **Sociedade do cansaço**. — 2ª ed. — Petrópolis: Vozes, 2021.

CABRERA, J. **A controvérsia de Hegel e Schopenhauer em torno das relações entre a vida e a verdade**. Revista Veritas, v. 42, nº.1 – mar. 1997. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997. – p. 35-47.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. — 4ª ed. — São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

CAUQUELLIN, A. **Arte contemporânea**. Mem Martins: Europa- America PT, 2010. (Coleção Saber).

CHIOVATTO, M. **Arte brasileira séculos XIX e XX: José Ferraz de Almeida Júnior e Cândido Portinari**. - 3ª ed.- São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2013.

CHIOVATTO, M.; et. al. **Material de apoio à prática pedagógica: Tarsila do Amaral**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2012.

CHIOVATTO, M.; et. al. **Material de apoio à prática pedagógica: Almeida Júnior e Pedro Alexandrino**. São Paulo, Pinacoteca do Estado, 2011.

COELHO, T. **Romantismo - a arte do entusiasmo**. São Paulo: Comuniqué, 2010. (Coleção MASP).

COSTA, C. **A imagem da mulher: um estudo de arte brasileira**. Rio de Janeiro: SENAC Rio, 2002.

DUPRAT, C. **Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand- MASP São Paulo**. Rio de Janeiro: Mediafashion, 2009. – (Coleção Folha grandes museus do mundo; v.8)

ELIAS, N. **A solidão dos moribundos seguido de “Envelhecer e morrer”**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

FREIRE, J. A. B. (dir.). **Porto Feliz- Roteiro dos Bandeirantes**. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2010.

GIDDENS, A. **O mundo em descontrole**. — 5ª ed.- Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.

GONÇALVES, M. A. **1922: A Semana que não terminou**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GOMBRICH, E. H. **A história da arte** (livro de bolso). Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GULLAR, F. **Arte contemporânea brasileira**. São Paulo: Lazuli Editora Companhia Editora Nacional, 2012.

HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. — 2ª ed. — Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HOLANDA, S. B de. **Monções e Capítulos de expansão paulista**. — 4ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

KAFKA, F. **A metamorfose**. — 2ª ed. — Jandira: Princípios, 2019.

LATOURET, B. **Onde estou?** – Lições do confinamento para uso dos terrestres. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

LATOURET, Bruno. *Jamais fomos modernos*. São Paulo: Editora 37, 2013.

LEGRAND, G.; LLOPIS, J. S.; SEOANE M. M. **El arte romántico**. Barcelona: Larousse-Espanha, 2007.

LOPES, A. C (ed.). **Nova Pitangüá**: Arte: Manual do Professor. São Paulo: Editora Moderna, 2017. (Coleção 0048P19061). Disponível em: <https://en.calameo.com/read/0028993271e1947661c58> Acesso em 02 nov. 2021.

MAMMÌ, L. **O que resta**: arte e crítica de arte. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

MICHELE, G. de. A Beleza Romântica. In: ECO, Umberto (org.). **História da beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

MINISTÉRIO DA CULTURA e MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA. **Programa de aquisição de obras do MAC USP**. São Paulo: Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, s/d.

MOOSBURGER, L. B. **Espírito e Vontade**: uma relação entre os conceitos de Hegel e Schopenhauer. Revista Contradictio, v. 1 nº. 0- 2008. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2008. – p. 1-9.

NASCIMENTO, A. Pa. **O nu além das Academias**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2011.

NAVEGANTES. Fundação Cultural de Navegantes. **Concurso visando a seleção de projetos de arte em Graffiti para a realização do III Salão de Artes Visuais de Navegantes, para compor a programação dos equipamentos culturais de Navegantes, através da Fundação Cultural de Navegantes/SC**. Navegantes/SC: Prefeitura de Navegantes, 2021.

NUNES, B. A visão romântica. In: GUINSBURG, Jacó (org.). **O Romantismo**. — 4ª ed. — São Paulo: Perspectiva, 2011.

PEDROSA, M. *Confrontation*. In: ABADIE, D.; GONÇALVES, L. R. **Magnelli**. São Paulo: Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2010.



RAMOS, F. C. **A “miragem” do absoluto: sobre a contraposição de Schopenhauer e Hegel- crítica, especulação e filosofia da religião.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. – Tese de doutorado.

RICŒUR, P. **Vivo até morrer seguido Fragmentos.** São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2012.

SANTAELLA, L. **Cultura e arte do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura.** São Paulo: Paulus, 2003.

SÃO PAULO. **SME Portal Institucional: Ensino Fundamental e Médio- Trabalho Colaborativo de Autoria.** s/d. Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/ensino-fundamental-e-medio/trabalho-colaborativo-de-autoria/> Acesso em 11 out. de 2021.

SOUZA, J. S. de. **A Cidade e o Rio: Araritaguaba, o Porto Feliz.** — 2ª ed. —. Itu: Otonni, 2009.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da Cidade: Educação de Jovens e Adultos– Arte.** São Paulo: SME/ COPED, 2019 [a].

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da Cidade: Ensino Fundamental– Arte.** São Paulo: SME/ COPED, 2019[b].

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da Cidade: Educação de Jovens e Adultos– Ciências Naturais.** São Paulo: SME/ COPED, 2019 [c].

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. **Plano Municipal de Educação.** São Paulo: SME, 2015.

SCHOPENHAURE, A. **Sobre a morte: pensamentos e conclusões sobre as últimas coisas.** — 2ª Ed. —São Paulo: Editora Martins Fontes, 2020.

SCHOPENHAURE, A. **O mundo como vontade e representação: Primeiro Tomo.** — 2ª Ed. — São Paulo: UNESP, 2015.

SCHOPENHAURE, A. **O mundo como vontade e representação: Segundo Tomo: Suplementos aos quatro livros do primeiro tomo.** São Paulo: UNESP, 2015.

SÓRIA, L. N. **Corpo e cena no contrafluxo da sociedade do trabalho.** São Paulo: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2021. — Projeto de pesquisa (Tese de Doutorado- PPGA).

TEIXEIRA, V. P. P. **Material de apoio a prática pedagógica**: Carmela Gross e Henri Nicolas Vinet. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2013.

VANDERLOO, C. Arte conceitual. In: FARTHING, S. (org.). **Tudo sobre Arte**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

VILLELA, M. Apresentação. In: MUSEU DE ARTE MODERNA DE SÃO PAULO. **140 caracteres**. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2014.

WILLIAMS, R. **Palavras-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007.

WOLF, N. **Romantismo**. Rio de Janeiro: Taschen/Paisagem, 2008.

### Webgrafia

MASP- MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO ASSIS CHAUTEBRIAND. **Exposições anteriores- 2012**: ROMANTISMO, A ARTE DO ENTUSIASMO. Disponível em: [http://masp.art.br/masp2010/exposicoes\\_integra.php?id=56&periodo\\_menu=2012](http://masp.art.br/masp2010/exposicoes_integra.php?id=56&periodo_menu=2012)  
Acesso em 02 out. 2014.

MAM- MUSEU DE ARTE MODERNA DE SÃO PAULO. **Projeto Parede** | Carmela Gross. Disponível em: <http://mam.org.br/exposicao/projeto-parede-carmela-gross/>  
Acesso em 02 out. 2014.

BRISOLLA, F.; SOARES, S. **Especialistas apontam cinco soluções para crise financeira**. São Paulo: REVISTA VEJA, 18. set. 2009. Disponível em: <http://vejasp.abril.com.br/materia/masp-especialistas-apontam-cinco-solucoes-para-crise-financeira> Acesso em 01 de out. 2014.

FILOSOFIA POP. **#059** — Schopenhauer, com Marcos Ramon — Filosofia Pop. Publicado em: 28 mai. 2018 — Podcast/Streaming. Duração: 1h:39min. Disponível em: [https://open.spotify.com/episode/5agaa5PvOP5CpoHI7pjPxM?si=wQ8eYWQeTZq4nxPpla4qcA&utm\\_source=copy-link](https://open.spotify.com/episode/5agaa5PvOP5CpoHI7pjPxM?si=wQ8eYWQeTZq4nxPpla4qcA&utm_source=copy-link) Acesso em 30 de out. 2021.

FOLHA NA SALA.. Publicado em 02 mar. 2021. — Podcast/Streaming. Duração: 34min. Disponível em: [https://open.spotify.com/episode/445fvKKBQcB1S6eCDSIVO0?si=JMYHARtOS7eOTIVY7nhG-g&utm\\_source=copy-link](https://open.spotify.com/episode/445fvKKBQcB1S6eCDSIVO0?si=JMYHARtOS7eOTIVY7nhG-g&utm_source=copy-link) Acesso em 05 mai. 2021.

KAFKA, F. **O silêncio das sereias**. Publicado na Folha de S.Paulo, domingo, 6 de maio de 1984. Disponível em: <http://almanaque.folha.uol.com.br/kafka2.htm> Acesso em: 30 abr. 2019.

MUZINATTI, J. L. **Schopenhauer: só a arte nos livra da dor**.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WhGW6ULBZDQ> Acesso em 30 de out. 2021.

SÃO PAULO. Prefeitura Municipal de São Paulo. Secretaria Especial de Comunicação. **Coleção Priorização Curricular é disponibilizada aos educadores.** Publicado em 09 fev. 2021. Disponível em: <http://www.capital.sp.gov.br/noticia/colecao-priorizacao-curricular-e-disponibilizada-aos-educadores> Acesso em 09 de nov. 2021.

SÃO PAULO. **SME Portal Institucional:** Notícias- Secretaria Municipal de Educação: Conheça os vencedores do Prêmio “Educador em Destaque”. Publicado em: 18 dez. 2020. Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/noticias/conheca-os-vencedores-do-premio-educador-em-destaque/> Acesso em 09 de nov. 2021.

SÃO PAULO. **SME Portal Institucional.** Ensino Fundamental e Médio. Trabalho Colaborativo de Autoria. s/d Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/ensino-fundamental-e-medio/trabalho-colaborativo-de-autoria/> Acesso em 30 de out. 2021.

UOL. **Sociedade:** Estátua do Borba Gato: como lidar com monumentos polêmicos do passado... Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/06/10/derrubar-ou-manter-como-lidar-com-os-monumentos-polemicos-do-passado.htm> Acesso em 30 de out. 2021.

### Referência das imagens

Ilustração 1: **A Canoa Sobre o Rio Epte**, de Claude Monet. Disponível em: [http://masp.art.br/masp2010/exposicoes\\_integra.php?id=56&periodo\\_menu=2012](http://masp.art.br/masp2010/exposicoes_integra.php?id=56&periodo_menu=2012) Acesso em 04 out. 2014.

Ilustração 2: **Projeto Parede-** Marapé. Disponível em <http://mam.org.br/exposicao/projeto-parede-carmela-gross/> Acesso em 04 de out. 2014.

Ilustração 3: **Pedras gigantes** (1993) de Alberto Magnelli. Disponível em: <http://nadirml.wordpress.com/2010/07/22/alberto-magnelli/> Acesso em 04 de out. 2014.

Ilustração 4: **Alberto Magnelli no estúdio da Ferrage planejar Grasse 1959.** Disponível em [http://www.edwardquinn.com/Arts/Magnelli\\_Albereto\\_files/Magnelli\\_A\\_35D\\_0009.html](http://www.edwardquinn.com/Arts/Magnelli_Albereto_files/Magnelli_A_35D_0009.html) Acesso em 04 de out. 2014.

1

**ANEXOS**







































(eu tava cagada de medo)

**sim meu professor de  
artes fala sobre  
pixação/grafite e o de  
vcs?**







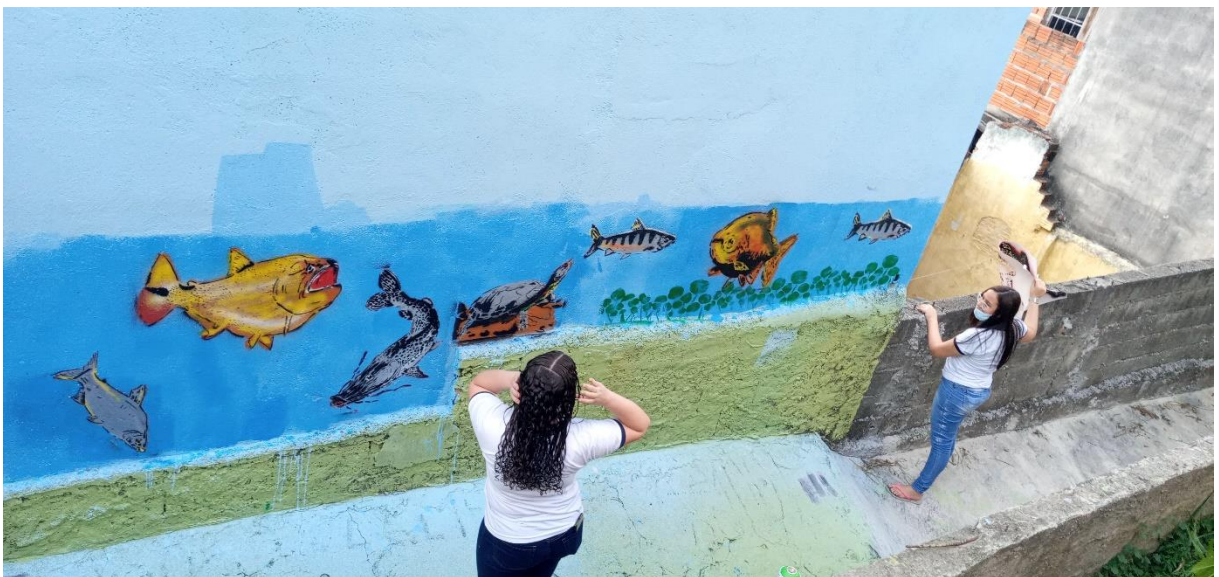




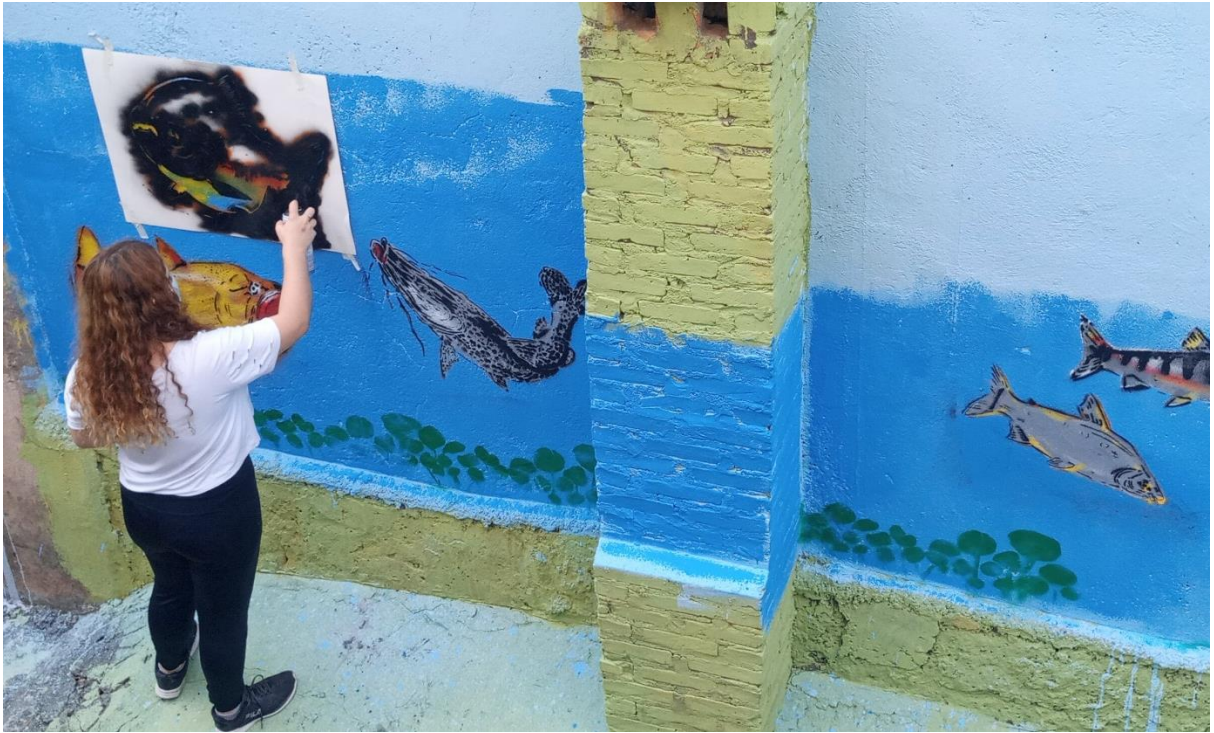








































**Fellipe Eloy Teixeira Albuquerque**

Doutorando em Artes pela UNESP (desde 2021); Pesquisador associado do CLAE; Mestre em História da Arte pelo PPGHA- UNIFESP Campus Guarulhos; Especialista em Comunicação Social pelo SEPAC em convênio com a PUCSP-COGAE; Licenciado em Educação Artística pelo CEUNSP; Professor de Educação Fundamental II e Médio- Arte, pela Secretaria Municipal da Educação de São Paulo; Graduado em Pedagogia pela Faculdade Unyleya (desde 2020); Graduando em Ciências da Religião pelo Centro Universitário UNINTER (desde 2021). Artista visual e poeta.



**Otávio Silva Rossetti Cardoso (Mc Roo7)**

Estudante do 8º Ano B em nível de Ensino Fundamental II, da EMEF Professora Maria Aparecida Rodrigues Cintra. Poeta marginal. Mestre de Cerimônia com produções independentes na internet e plataformas digitais de música (Spotify™). Suas principais produções variam entre o gênero Trap e Rap.

Produzimos estereótipos, reproduzimos estereótipos. Somos racistas, somos machistas, somos homofóbicos, votamos e elegemos o candidato racista, machista e homofóbico. Foi por isso que modernizamos? É para isso que o ser humano como espécie tida como superior herdou a Terra? Para sucumbir e se matar sozinha? Para deixar que as demais espécies morram e desapareçam? É para isso que construímos um mundo inteiro para nossos deleites?

Se é isso e por isso, então, Latour está correto: Jamais fomos modernos. Saltamos de um estado pré-moderno direto ao pós-moderno, sem nunca termos sido modernos. Então como ser pré ou pós alguma coisa, se essa alguma coisa nunca existiu?

Não sendo.

Ainda somos românticos, e infelizmente, demasiados românticos!

ISBN 978-658997611-0



Editora  
**MultiAtual**